



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC XIV
COLEGIADO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JACKELINE OLIVEIRA FERREIRA

**DE “VADIOS” A PROFESSORES: A EDUCAÇÃO NA PRÁTICA DA
CAPOEIRA EM CONCEIÇÃO DO COITÉ (1970-2013)**

Conceição do Coité – Ba

2015

JACKELINE OLIVEIRA FERREIRA

**DE “VADIOS” A PROFESSORES: A EDUCAÇÃO NA PRÁTICA DA
CAPOEIRA EM CONCEIÇÃO DO COITÉ (1970-2013)**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação Campus XIV-
Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Bahia
(UNEB) como requisito parcial para obtenção do título de graduada
em História.

Orientador Prof.: Dr. Rógerio Souza Silva

Conceição do Coité

2015

Folha de Aprovação

A Banca Examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia.

Conceição do Coité _____ de _____ de 2015

Prof. Dr. Rogério Souza Silva

XX

XX

Dedico este trabalho a todas as pessoas interessadas e apaixonadas por tudo que a capoeira pode nos oferecer. E principalmente aos meus colegas de grupo “Capoeira não pode parar, capoeira não pode morrer...”

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer inicialmente a Deus por me dar força e saúde. Em seguida agradeço a minha mãe por me ensinar a lutar para alcançar os meus objetivos e por me fazer ser o que hoje eu sou.

Gratidão as minhas famílias, as biológicas e as que adquiri ao longo do meu percurso, capoeira, amigos, colegas de trabalho, colegas da faculdade.

Aos meus professores por me ajudaram a construir conhecimento ao longo da minha trajetória escolar e acadêmica. Em especial a todos que me orientaram na criação do trabalho, principalmente o Prof. Rogério que sempre soube me dar a direção que precisava.

A capoeira por me tornar uma pessoa melhor e por me dar paz e liberdade.

Meu muito obrigado vai também pra todos que me suportaram durante o estresse, a agonia para a conclusão desse trabalho, que colaboraram doando seu tempo, sua atenção e falando sobre a capoeira pra mim.

E agradecer ao meu querido companheiro Sandro Luís, que me ajudou bastante durante todas as fases de construção deste trabalho.

Minhas sinceras palavras...

Amo muito todos vocês.

MUITO OBRIGADA POR TUDO!

“Em paz

Eu digo que eu sou

O antigo do que vai adiante

Sem mais,

Eu fico onde estou...”

(Nando Reis – Resposta)”

“A capoeira é tudo que a boca come e o corpo dá.”

Mestre Pastinha.

RESUMO

O presente trabalho discute a capoeira no Brasil, na Bahia e na cidade de Conceição do Coité, que será o foco principal, destacando os altos e baixos desta prática bem como questões cruciais na história da capoeira, objetivando relacionar essa prática cultural que foi marginalizada pela sociedade no passado, proibida por lei e que atualmente se constitui Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade reconhecida pela UNESCO com a construção da identidade nacional e a educação. Discute também a trajetória de resistência da capoeira neste município até a aceitação desta manifestação nas escolas. O objetivo principal é debater a educação, a partir dos diferentes espaços utilizados pela capoeira, dentro da escola com oficinas voltadas para os interesses escolares e na rua enquanto liberdade e lazer, no município de Conceição do Coité, Bahia e no povoado de Goiabeira. Mostrando como acontece esta relação a partir da educação formal e também da não formal, evidenciando a necessidade de investigações a cerca deste método recentemente aceito pela sociedade a partir de pesquisas de campo e história oral.

Palavras-chave: Capoeira. Identidade nacional. Aprendizado. Educação formal e não formal.

ABSTRACT

This paper discusses capoeira in Brazil, Bahia and the city of Conceição do Coité , which will be the main focus, highlighting the ups and downs of this practice and critical issues in the history of capoeira, aiming to relate this cultural practice that has been marginalized by society as past, prohibited by law and which currently constitutes the Intangible Cultural Heritage Site recognized by UNESCO with the construction of national identity and education. Also discusses about capoeira's resistance path in this city until the acceptance of this event in schools. The main objective is to discuss education, from different spaces used by the capoeira inside the school with workshops geared for school interests and on the street as freedom and leisure, in the city of Conceição do Coité, Bahia and in the village of Goiabeira. Showing how happens this relationship from the formal education as well as non-formal, highlighting the need for research about this method recently accepted by society from field research and oral history.

Keywords: Capoeira. National identity. Learning. Formal and non-formal education.

LISTA DE FOTOS

II Capitulo

| | |
|----------|----|
| Figura 1 | 24 |
| Figura 2 | 25 |
| Figura 3 | 28 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1 ALTOS E BAIXOS DA CAPOEIRA NO BRASIL, DA “ORIGEM” AOS DIAS ATUAIS. | 13 |
| CAPITULO 2 DA MARGINALIZAÇÃO AO CORAÇÃO, A CAPOEIRA EM CONCEIÇÃO DO COITÉ. | 23 |
| 2.1 BEZINHO, O BESOURO COITEENSE. | 29 |
| CAPÍTULO 3 JOGO DE DENTRO, JOGO DE FORA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA CAPOEIRA. | 40 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| REFERÊNCIAS | 55 |
| ANEXOS | 58 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute a capoeira e a educação e o desfecho desta relação intrigante, possibilitando perceber as várias vertentes destas áreas e os resultados dessa “união”. A escola deste tema esta associada a minha vivência na capoeira e o intuito de descobrir as questões que perpassam a partir do envolvimento dela com a educação.

A capoeira foi e continua sendo muito discutida enquanto arte, esporte, cultura e educação física, no entanto, ao analisarmos ela enquanto educação na essência da palavra, podemos perceber a importância desta manifestação para a construção do ser e a autoafirmação da cultura brasileira.

Afinal sabemos que a educação hoje tem significado amplo, e é pensada e reinventada pra suprir as necessidades dos seres humanos, seja ela formal ou não oferecendo suporte para o cotidiano e caminhos para a vida.

A análise é feita sobre o município de Conceição do Coité, interior da Bahia, e no Povoado de Goiabeira, observando a prática da capoeira dentro da escola, repercussão decorrente dessa presença nos espaços escolares e fora deles também.

O objetivo deste trabalho é mostrar como a capoeira consegue educar, disciplinar os seres no cotidiano da sua pratica utilizando, a liberdade e o prazer e entender o ganho ou a perda da inclusão desta manifestação nos espaços formais, moldados a partir de teorias e regras formais impostas, sendo dessa forma “domesticada”.

As fontes utilizadas nesse trabalho foram bastante diversas. Para compreendermos a educação e a História do Brasil nos valem das fontes escritas, mas em relação a cidade e ao povoado utilizamos fontes orais e conversas informais, devido, não somente a dificuldade de encontrarmos outras fontes, como também por entendermos serem fontes confiáveis.

O trabalho foi dividido em três partes. Na primeira parte, mostraremos a história da capoeira no Brasil, o seu surgimento, desenvolvimento, proibição e por fim seu reconhecimento. Analisaremos, também, o trabalho e as contribuições dos dois grandes Mestres da história, Pastinha e Bimba que transformaram a forma de jogar/ensinar/aprender a capoeira.

Em seguida discutiremos a capoeira na cidade de Conceição do Coité, do seu surgimento até os dias atuais, a partir de quatro personagens que foram responsáveis pela

resistência da capoeira no município, destacando o preconceito sofrido pelos participantes e a visão da sociedade sobre esta manifestação.

Por fim discutiremos a relação da capoeira com a educação, dentro e fora da escola no povoado de Goiabeira, povoado do município de Conceição do Coité, situado a 8km da sede, com, cerca de 1.000 habitantes, espaço onde o preconceito ainda é visível no cotidiano dos capoeiristas. Para tanto foi feita a análise entre praticantes, pais, professores e direção da escola, destacando o lado positivo e negativo da inclusão da capoeira no cotidiano escolar.

Em suma, vamos construir uma nova visão da capoeira, da educação e dessa relação interessante em diversos ambientes a partir de visões de mundo dispares que transmitem a singularidade e simplicidade dessa mistura de disciplina e liberdade.

CAPÍTULO 1 ALTOS E BAIXOS DA CAPOEIRA NO BRASIL

Neste capítulo, discutiremos duas questões que perpassam na história da capoeira: a sua origem e a divisão dessa arte em duas, a capoeira angola e a regional, além dos momentos importantes e decisivos para a história da capoeira, como a proibição pelo Art. 400 do decreto nº 847 de 11/10/1890 até o reconhecimento da roda de capoeira como patrimônio cultural imaterial do Brasil, em 2008.

Nos últimos anos, muitos historiadores, como Nestor Capoeira, Josivaldo Pires de Oliveira, Adriana Albert entre outros, se dedicaram a remontar as “várias histórias” dos capoeiras em tempos e lugares distintos, com o objetivo de expandir o conhecimento dessa arte, registrando, acontecimentos necessários para a compreensão da identidade que o capoeira formou e forma, além de contribuir para o estudo e discussão de questões que ainda se fazem necessárias.

Uma dessas questões é a origem da capoeira, muitos historiadores afirmam que essa arte é brasileira, visto que teve seu “início” ou registro inicialmente no país. Outros apontam algumas hipóteses que nos levam a associar essa arte como africana, já que foi praticada em sua maioria por negros vindos daquele continente e, por fim, aqueles que fazem ligações com os índios, devido as relações que ocorriam entre os povos no período colonial.

Nestor Capoeira, sobre a origem dessa manifestação afirma: “no caso da capoeira, a historicidade – o ‘começo’ – é brasileiro, mas o ‘princípio’ – tanto o fundamento, quanto o mito – é africano”(CAPOEIRA, 1992, p. 17). Ele ressalta que houve uma contribuição africana para o surgimento visto que no ‘princípio’, a capoeira era praticada por escravos, mas, que essa arte tem também raízes brasileiras devido a prática ter início no país e pelo contato de índios e negros durante o período escravista, permanecendo assim com a questão inicial, da origem, a dúvida.

Também Pedro Ropolpho Jungers Abib, nos alerta para a contribuição indígena na capoeira, além de observar que havia um contato desses com os negros:

[...] presume-se que a cultura indígena tenha também contribuído através da incorporação de outros elementos à capoeira, já que espaços de convivência entre negros escravos fugitivos e índios era comuns, principalmente em alguns quilombos, como se tem notícia. (ABIB, 2013, p.26)

Assim como Nestor Capoeira, Abib, também retrata a importância da relação que existia entre os negros e os índios o que contribuiu para o crescimento e aperfeiçoamento da arte, além da questão etimológica da palavra capoeira.

Para Waldeloir Rego, “Uma das versões sobre a própria origem do vocábulo capoeira refere-se ao termo *caá-puêra*, do tupi-guarani, que significa mato que deixou de existir ou mato fino e ralo, local de prática dessa manifestação pelos escravos” (REGO, 1968, p.19). Sendo, portanto, inegável que a origem da capoeira provem da relação existente entre os habitantes do Brasil no período, os negros e os índios. Por fim, a origem dessa manifestação ainda é uma questão que sugere muitos estudos, entretanto, a versão que melhor explica esta questão é que indica que a capoeira surge das diversas culturas existentes no Brasil no período, qual sejam a africana e a indígena.

Durante anos a capoeira foi subjugada e tida como algo a ser excluído da história do Brasil, contudo, a “[...] capoeira faz pouco tempo deixou os pés de páginas dos compêndios mais importantes da história nacional para adquirir vida própria, tornando-se ela mesma tema de volumosos trabalhos, que desvelam planos e horizontes antes absolutamente desconhecidos da nossa historiografia” (SOARES *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 17).

Antes, a capoeira era concebida como uma manifestação folclórica, porém hoje já é vista de forma diferente por diversos setores da sociedade e longe da folclorização com que foi caracterizada durante os anos de exclusão dessa arte, sendo objeto de estudo para analisar a identidade dos brasileiros, contribuindo para a valorização da cultura, da educação dentre outros temas.

Atualmente a capoeira tem possibilitado a busca da aprendizagem e aquisição de conhecimentos que servirão de base ao desenvolvimento pessoal e autônomo dos indivíduos dentro de uma sociedade.

O que configura a humanidade é o fato de sermos sujeito-sociais, cidadãos ativos na história, mergulhado de valores, de desejos, de sonhos, possuidores e produtores de linguagem. Construtor coletivo que produz a história como sujeito social da linguagem. (KRAMER, 1993, p. 35)

Na obra *Capoeira, identidade e gênero: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil*, de Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal (2009), a capoeira é utilizada como objeto para discutir temas atuais da sociedade, ligados ao cotidiano e a identidade do povo, refletindo a sua importância, principalmente para a transmissão de temas ligados à educação, nacionalidade entre outras questões.

Já no livro, *A malandragem na Mandinga: o cotidiano dos capoeiras de Salvador na República Velha (1910-1925)*, de Adriana Albert Dias (2004), que mostra como era a vida dos capoeiras em Salvador, podemos observar como os negros eram vistos pela sociedade, ao que

sua imagem era associada e como estes negros contribuíram para a formação da identidade brasileira.

Há ainda outra obra *Capoeira: do engenho à universidade*, de Gladson de Oliveira Silva (1995), que discute o crescimento da capoeira, que do engenho, conseguiu a libertação, e hoje em dia, ganhou lugar no Brasil e principalmente nas universidades. Essa obra é muito rica, pois, detalha os caminhos trilhados pela capoeira, sua origem, grandes mestres, proibição, legalização, até hoje quando resiste a todos estes inconvenientes, e transformar-se nesse elemento de pesquisa interessante e rico.

A capoeira que agora é vista com outros olhos, foi aceita como importante veículo de transmissão de conhecimento da cultura do país, além de ser um ótimo esporte e proporcionar lazer em suas atividades, dentro e fora da roda de capoeira, mas, essa arte não é só um esporte ou um lazer,

“A capoeira entra aqui como um caminho socializador e democrático, oportunizando a expressão corporal, o conhecimento do corpo, além de ser um esporte ou um lazer, constitui-se num dos traços fortes das nossas raízes culturais, presentes na música popular brasileira e em muitas outras formas de expressão do nosso povo.”(COSTA, 2005, p. 5)

Muitos historiadores, como Josivaldo Pires de Oliveira, afirmam que essa manifestação surgiu no período escravista brasileiro em meados do século XVI, sendo uma resposta à violência branca, pela necessidade do negro de construir mecanismos para obter liberdade. Para Florisvaldo Evangelista da Silva Junior,

“Os espaços sociais eram conflituosos, alternando entre a barganha e acirradas batalhas. O abalroamento e a correlação de forças entre tais protagonistas se dava desde a luta por melhores condições de vida no cativo até a luta pela liberdade” (SILVA JUNIOR, 2011 ,p .05)

Nesse período, a capoeira era apenas um meio de defesa e distração, já que grande parte dos negros viviam em cativeiro e não tinham momentos de divertimento, eles por estratégia, usavam a capoeira como dança para disfarçar e praticar a luta.

Quando existia a possibilidade de fugas, tentativas de assassinato aos capitães-do-mato ou em outras situações a capoeira era usada para defender o negro das armas dos brancos. Com golpes certos essa manifestação se transformou em uma luta mortal. Muitos capitães-do-mato e senhores receberam como respostas a sua violência golpes fatais, o que começou a

causar desconforto, essa “agitação escrava abalava a ordem social” (CARVALHO, 2003 p. 46), e isso não era aceito.

Depois de adquirir essa má fama, que foi construída historicamente no intuito de abafar a prática da capoeira e proteger a ordem social vigente. Florisvaldo afirma que “São diversas as histórias que entrelaçam os capoeiras ao mundo da desordem, como também ao mundo da ordem, mantendo-se uma contradição e/ou complementação entre os mundos” (SILVA JUNIOR, 2011, p. 09). Já para Abib, havia uma maquiagem no que significava e mostrava ser um capoeira, “[...] [Gente que] nunca se conformou com as normas e padrões sociais exigidos pelas autoridades e pelo poder vigente. Gente valente, insubordinada, hostil, violenta, cruel e ao mesmo tempo doce, alegre, sagaz, criativa e apaixonante” (ABIB, 2013. P.19).

A capoeira após a abolição da escravidão, passou a ser vista como símbolo de vadiagem, e acabou sendo reprimida por lei. O novo código Penal de 1890, em seu capítulo XIII, trata dos vadios e capoeiras:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;
Pena -- de prisão celular por dois a seis meses.
Parágrafo único: É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum malta ou bando. Aos chefes ou cabeças se importará a pena em dobro.
Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.
Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.
Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (OLIVEIRA, 2009, p.197)

No período citado, a figura do capoeira era associado aos desordeiros e vadios, não eram considerados por serem jogadores de capoeira, mas sim pela postura de indivíduos. Segundo Pedro Rodolpho Jungers Abib:

Eram as atitudes de um sujeito, e a sua participação em atividades de contravenção, como maltas, as arruaças, as badernas e as agressões que o identificavam como capoeira, e não a sua participação num espaço de organização, nos moldes daquilo que hoje entendemos por roda de capoeira. (ABIB,2013, p.27)

Mas mesmo com toda a repressão ainda havia rodas de capoeira e muitos capoeiristas foram condenados à prisão e/ou exílio numa ilha em Fernando de Noronha, como previa o Art. 400 do decreto nº 847 de 11/10/1890:

“Si o termo for quebrado, o que importará reincidência, o infractor será recolhido, por um a tres annos, a colonias penaes que se fundarem em ilhas maritimas, ou nas fronteiras do territorio nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presidios militares existentes”.

Com a proibição, essa manifestação “se reproduz de diversas formas e com muitos disfarces para poder burlar e sobreviver às muitas e intensas investidas das classes dominantes e das instituições governamentais, que tentaram reprimí-la” (SILVA JUNIOR, 2011, p.08). Era de conhecimento de todos que a capoeira era praticada mesmo com a proibição em lei, e, além disso, por indivíduos de diversas camadas da sociedade.

No entanto, contraditoriamente, muitos deles tinham também uma obscura relação com o poder, exercendo, por exemplo, a função de capangas e cabos eleitorais de políticos influentes. Outros serviam de informantes – os famosos “secretas da polícia” – e por isso eram protegidos por autoridades da lei. Outros, ainda, exerciam cargos informais, e até mesmo formais na própria polícia, chegando a integrar seus quadros. (ABIB, 2013, P. 19)

Mesmo com essa proibição essa manifestação continuou servindo aos interesses políticos, sempre que necessário, capoeiras eram chamados para realizar tarefas das milícias da época, estes que realizavam este tipo de serviços dificilmente seriam condenados a algumas dessas penas, muito menos seriam capturados em alguma expedição contra capoeiras. Contudo essas medidas não impediram que os “temidos capoeiras” criassem tumultos e alguns dos principais motins na República, como a Revolta da Vacina. (CARVALHO,1987).

Gente que ao provocar a desordem, manifestava sua contestação à ordem vigente, e o desejo de inaugurar uma nova ordem. Uma ordem menos injusta e preconceituosa. Uma ordem onde os valores se invertiam, assim como se inverte a visão do mundo quando se está de pernas pro ar, ao plantar bananeira ou dar um aú. (ABIB, 2013, p. 19)

Em 1932 o decreto de lei nº 847 de 11/10/1890 é revogado, quando o então presidente Getúlio Vargas, oficializa a prática da capoeira através do Ministério da Educação, a partir de então essa arte começou a ser praticada por jovens de classe média, em uma academia

fundada por Mestre Bimba no Rio de Janeiro. O fato de a academia estar localizada no Rio de Janeiro não fez com que ela perdesse os costumes adquiridos em Salvador pelo Mestre Bimba. Contudo a capoeira era praticada como atividade física, e não como resistência negra.

A liberação da capoeira em 1932 no Governo Provisório, foi entendida por muitos historiadores como uma política de domesticação da cultura popular, dentre os historiadores que discutem essa liberação, Silva Junior que afirma:

Além da representatividade dessas manifestações nos setores populares, outro fator importante para a aceitação, foi ter havido a cooptação dessas manifestações, ou seja, algo que era subversivo, perigoso e sujo torna-se algo limpo e sem ameaças e passível de se modelar aos interesses do grupo dominante. (SILVA JUNIOR, 2011, p.17)

A capoeira foi liberada judicialmente, com o decreto n.º 22.213, de 14 de dezembro de 1932, mas, o preconceito e a exclusão aos praticantes era muito forte, principalmente em relação as mulheres praticarem a capoeira, porém com o passar do tempo, essa manifestação foi atingindo todas as partes do território nacional, continuou contribuindo para a formação da identidade do povo negro no Brasil, tornando-se assim herança dos grandes homens e mulheres que construíram o alicerce do nosso país.

Como discute Letícia Vidor de Souza Reis em *O mundo de pernas pro ar: a capoeira no Brasil*, “A capoeira era permeada por símbolos étnicos, de nacionalidade e sua prática descriminalizada transformou-se em esporte, com a organização de academias para o seu ensino”.

Documentos como registros policiais, indicam que tal prática da capoeira não era restrita aos brasileiros, “[...] a capoeira desde seus primórdios no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, era praticada por pessoas oriundas de diversas nacionalidades e origens sociais [...]”.(ABIB, 2013, p. 26)

Essa arte era mais praticada na então capital da República e em Salvador, depois se expande para os outros estados. Na Bahia houve um destaque maior visto que os dois grandes mestres da história, Bimba e Pastinha que difundiram as duas modalidades ou maneiras de jogar, regional e angola respectivamente, são baianos, e também devido ao contexto social da Bahia no período, no qual grande parte da população eram negro/escravos.

Bimba e Pastinha desenvolveram técnicas na capoeira que mudaram o rumo dessa manifestação cultural, no que diz respeito aos praticantes e no desenvolvimento da arte, além de alterar a visão da capoeira na sociedade, segundo Pedro Rodolpho Jungers Abib:

Dois respeitados mestres que inauguraram novas formas de organização, do aprendizado e da divulgação dessa arte, através da difusão de seus métodos de ensino e da filosofia da capoeira, que incluiu também a aproximação com camadas sociais mais abastadas e influentes, principalmente a partir da década de 1930 e 1940. Esses dois personagens souberam, com muita perspicácia, articular em torno da capoeira uma estratégia de aceitação social que estava intimamente vinculada ao projeto político da construção da “identidade nacional”, tão propagada pelo Estado Novo do então presidente Getúlio Vargas. (ABIB, 2013, p. 29)

Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, nasceu em 5 de abril de 1889 em Salvador e morreu em 13 de dezembro de 1981 na mesma cidade, transformou a capoeira raiz – a capoeira criada pelos africanos como defesa ainda nas senzalas – acrescentou golpes, mandinga e deu nome de Capoeira Angola, conhecida também por capoeira mãe, este jogo é mais lento, jogado no chão, sem muitas acrobacias. “Angola, capoeira mãe. Mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método; seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista.” (PIRES, 2002, p.64).

Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba, nasceu em 23 de novembro de 1899 em Salvador e morreu em 5 de fevereiro de 1974 em Goiânia. Depois de difundida a capoeira angola, ele inovou a forma de jogar, acrescentou a ginga, golpes mais rápidos de artes marciais, saltos de ginástica e alguns movimentos de uma dança da época o batuque. Assim ele aumentou a velocidade do jogo e dos instrumentos, e não tinha mais necessidade de se jogar no chão, o jogo agora era mais alto, quase em pé, nascia assim a Capoeira Regional da Bahia, a capoeira de Bimba. Devido a sua importância para a construção da identidade e da cultura baiana, em 12 de junho de 1996, Bimba foi homenageado pela Universidade Federal da Bahia, com o título de Doutor *Honoris Causa*. (ABIB, 2013, p 59)

Segundo Pedro Rodolpho Jungers Abib:

[...] Estando insatisfeito com a capoeira que praticava, inseriu golpes de outras lutas, em especial do Batuque, arte na qual seu pai foi um conhecido praticante nas festas de largos de Salvador, criando assim, em 1928, a Luta Regional Baiana. (ABIB, 2013, p.57)

Depois de terem sido difundidas estas filosofias da capoeira, houve uma divisão nos praticantes, criando uma dicotomia entre a capoeira regional e a capoeira angola. E até os dias atuais há uma discussão da historiografia para analisar essa dicotomia, sendo está também uma das questões que ainda precisam ser discutidas.

Alguns estudos apontam que o próprio Mestre Pastinha afirmava essa dicotomia, “Mas ele sempre diferenciou a Capoeira Angola de outros esportes, principalmente da Capoeira

Regional, que seria uma mistura de outras lutas com a dita por ele como sendo a ‘legítima capoeira’.” (ABIB, 2013, p.127)

Mestre Bimba ficou mais conhecido, devido à ser o primeiro a abrir uma academia de capoeira, mas, isso não foi visto com bons olhos.

Nos meados da década de 1930, outros movimentos reivindicavam a “raiz da tradição” da Capoeira, tendo como um dos líderes deste movimento o Mestre Pastinha – Vicente Ferreira Pastinha -, que dizia que a manifestação “pura” era a Capoeira Angola, procurando, desta forma, distinguir as duas modalidades de capoeira, pois não concordava com as modificações e incorporações de elementos de outras lutas na Capoeira, como ocorreu na Capoeira Regional. As influências também são percebidas, em menor escala, na capoeira, dita “pura” a Angola. (SILVA JUNIOR, 2011, p. 23)

Ao longo do século XX, novos elementos foram acrescentados na prática para caracterizar e construir a capoeira que conhecemos hoje, como diferenciação, uniformização e internacionalização. (OLIVEIRA, 2009)

Esses novos elementos acrescentados na capoeira, tiveram o objetivo de buscar um maior reconhecimento social das manifestações culturais afro-brasileiras que segundo Abib, foram realizadas pelo mestre Bimba e intelectuais do movimento negro da época. (ABIB, 2013, p.58)

Para Silva, esta incorporação e a prática em locais fechados não foi um passo positivo para a capoeira,

Essas mudanças de espaço e das outras formas de controle qualificam a Capoeira enquanto esporte, luta ou arte marcial, deixando de lado as suas referências de malandragem, de marginal, de vadiagem, absorvendo “os códigos de dominação burguesa, passando de desordeira, para um caráter mais obediente” (SILVA JUNIOR *apud* SILVA, 2003, p. 87).

A capoeira depois que é “liberada” em 1932, começa a adquirir novos métodos, o que preocupou a muitos inclusive o grande Mestre Pastinha, essa aquisição de métodos foi vista como algo que fosse capaz de destruir as tradições que caracterizam essa arte, mas, o investimento de Mestre Bimba na criação de métodos modificou praticas, o que não impediu que a capoeira permanecesse com suas tradições, que até os dias atuais são lembradas, em memórias e conversas informais. Graças a criação de métodos hoje essa manifestação é considerada, não só como cultura e esporte, mas sim como educação e transformação.

Durante a história desta manifestação, toda sua trajetória foi marcada pela luta pela aceitação social e pelo reconhecimento enquanto cultura e algo a ser preservado pela contribuição da formação do país e da identidade nacional. Até que em 15 de julho de 2008, os capoeiristas conquistaram o reconhecimento nacional e a capoeira foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a partir de então, foi tombada como patrimônio da cultura imaterial do Brasil.

Agora, os praticantes e mestres são reconhecidos pelo seu trabalho e pela contribuição social proporcionada pela capoeira. Segundo Josivaldo Pires de Oliveira,

O registro possibilita o desenvolvimento de medidas governamentais de suporte à comunidade de capoeira, a exemplo de um plano de previdência social para os velhos mestres de capoeiragem; programas de incentivo para o desenvolvimento de políticas pelos próprios grupos de capoeiras como auxílio do Estado.(OLIVEIRA, 2009, p. 44).

Na teoria, a capoeira passa agora a ter melhores condições para exercer a prática cotidiana, mas o que de fato se conseguiu foi um título. Perante as autoridades esse reconhecimento anda não tem o valor esperado, e muitos mestres importantes não tiveram oportunidades no país, tendo que difundir a arte no exterior.

Em 26 de novembro de 2014, a roda de capoeira é reconhecida agora mundial ao receber o título de Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade, concedido pela UNESCO em Paris. Uma conquista que possibilita a expansão da nossa cultura e em contrapartida reafirma o valor da cultura negra no Brasil. A expectativa é que a capoeira consiga a partir dessas aberturas apoio e políticas de salvaguarda da cultura e que os benefícios possam alcançar os grupos de capoeira e fortalecer a preservação da prática no país.

Atualmente sabemos que a capoeira tem muita influência na vida social de quem a pratica. E que além de esporte ela proporciona momentos de integração social e aprendizagem para a vida de indivíduos que muitas vezes não conseguem sentir pertencentes à sociedade, que encontram na capoeira sua identidade e seu mundo.

Visto que essa manifestação não serve apenas para manter a saúde do corpo e da mente, além desses benefícios, o que mais se adequa a prática da capoeira? A capoeira serve como veículo de inclusão social? Promove cidadania? De que forma uma luta pode colaborar para a educação de um cidadão? Como aprender lições de vida através dessa prática? Há igualdade nessa prática? O que a difere de outras artes? Isso é o que nós discutiremos adiante.

Muitos temas foram estudados envolvendo a capoeira, porém nenhum deles até então discute a capoeira como forma de educação em Conceição do Coité, uma educação voltada para o cotidiano de cada pessoa, a educação não formal, que de tantos bons resultados, atualmente também faz parte da educação formal, em escolas, sem perder sua originalidade e tradições adquiridas nas lutas, a exemplo delas a proibição da arte, a “má” fama, legalização, discriminação.

CAPÍTULO 2 DA MARGINALIZAÇÃO AO CORAÇÃO, O DESENVOLVIMENTO DA CAPOEIRA EM CONCEIÇÃO DO COITÉ.

A capoeira teve início a partir do século XVI no Brasil, nas áreas próximas aos portos, mais precisamente durante o período escravista. Já nesta cidade, a documentação existente aponta para a existência de escravos e libertos por volta da década de 1860, no entanto, a quantidade destes era pequena se comparada às regiões do recôncavo baiano.

A escravidão em Conceição do Coité, segundo o trabalho de Edmária Souza, convivia paralela a pequena propriedade e a meação, evidenciando que as características da relação escravista em Coité se diferenciavam daquelas do Recôncavo, onde predominava grandes propriedades agrícolas com extensos plantéis de cativos (SOUZA, 2012, p.18).

Sobre a ocupação dos escravos, no período de 1869 à 1888, Edmária conclui que,

“Dos 74 escravos comercializados em Conceição do Coité no final do século XIX, a maioria aparece como do “serviço da lavoura”, num total de 25. Destes, os homens representavam 14 e as mulheres 11. A maioria dos homens estava em idade produtiva entre 14 e 34 anos de idade. Foram encontradas também duas crianças, com idades de 05 e 07 anos compradas para o serviço da lavoura. As mulheres declaradas como “da lavoura” estavam entre a idade de 12 a 41 anos. Contudo, o que se observa na maioria dos casos é que houve a predominância do termo “apto para todo serviço”. (SOUZA, 2012, p.27)

Ainda segundo Souza, em *Vestígios No Tempo: Escravidão e Liberdade Em Conceição do Coité (1869-1888)*, Conceição do Coité também foi espaço vivenciado por escravos, e suas presenças ficaram registrados em documentos legais do século XIX. Porém, os documentos não dão conta do aparecimento de algum vestígio que faça relação com a capoeira, mesmo havendo contato com o modelo escravista.

O trabalho supracitado mostra que os escravos desenvolveram métodos para resistência ao sistema, desde fugas ao suicídio, contudo, a autora e nem os documentos apontam o aparecimento desta manifestação durante este período.

“A liberdade foi sonhada por muitos escravos que viveram em Conceição do Coité no final do século XIX, bem como no Brasil inteiro. Mas, este não era o único objetivo deles, pois esta liberdade só seria vivida de forma plena se após o cativeiro eles tivessem redes de solidariedade que os amparasse na velhice ou em momentos de grande necessidade. Essa rede de solidariedade tinha início com a formação de uma família”. (SOUZA, 2012, p. 46)

Neste capítulo, analisaremos as várias “fases” da trajetória dessa manifestação cultural na cidade de Conceição do Coité, analisando o seu “surgimento”, o período de Capoeira de

Rua – vadiagem -, os preconceitos sofridos, a “folclorização” da prática, e os benefícios adquiridos depois da aceitação e inclusão nas escolas. Para tanto, serão utilizadas fontes orais e escritas, contudo, devido à dificuldade de encontrarmos fontes escritas que indiquem o aparecimento ou o envolvimento de libertos e escravos com essa prática não é possível dizer, com exatidão, o surgimento da capoeira nessa cidade.

Assim como no restante do país, a capoeira desta cidade passa por transformações ao longo da sua existência. Surge como vadiagem, mas vai resistindo aos limites impostos pela sociedade, superando preconceitos e ganhando a aceitação social, passando a ser vista como cultura, mesmo diante dos estes altos e baixos. Assim como no restante do país, como afirma Pedro Abib, “[...] A luta pela liberdade e pela dignidade de manter vivas suas tradições, sempre foi característica desse povo que ajudou a construir e a civilizar o nosso país.” (ABIB, 2013, p. 26).

Durante muito tempo na história de Conceição do Coité esta prática sofreu preconceitos e discriminações diversas o que fez com que a prática desta manifestação não fosse difundida nessa cidade. Isso também foi algo comum da história do Brasil. Sobre isto, Josivaldo Pires de Oliveira diz, “A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em sua relação com o Estado Brasileiro.”. (OLIVEIRA, 2009, p.44)

Segundo as fontes orais, o contato com esta manifestação teve início, aproximadamente, na década de 1970 através do contato com Mestres de cidades circunvizinhas ou de exemplares de revistas, mas ainda não existiam praticantes nesse período.

“Na realidade meu primeiro contato com a capoeira foi através de revista né, é estudando alguns fundamentos da capoeira. É através de também um mestre que veio para coité né isso no meados de 83 né veio mestre Petróleo veio ensinar capoeira aqui em coité então ali eu ficava olhando não participava mais ficava olhando e ai alguns movimentos também eu fui pegando olhando também né e nesse meado também veio mestre Gival com mestre Kako né isso já foi depois de mestre Petróleo, veio ensinar aqui é na rua Senhora Santana na antiga churrascaria coiteense aonde eu peguei alguns movimentos também olhando não participando assim das atividades dá do exercício da física mas olhando peguei alguns movimentos regional né, ai fui aprendendo através da revista e na rua com colegas e amigos também.”(CARLINHOS, 01,02min)

Apenas na década de 1980, começou a ser praticada como meio de distração de alguns jovens. Eles se reuniam para aprender movimentações e para jogar uns com os outros. Não existia nesse período nenhuma organização nos padrões que conhecemos hoje, grupos, hierarquia, responsabilidades dentre outros.

“Quem jogava comigo aqui era Bezinho, André, Samuray né Samuray tinha outros outros(sic) camaradas assim que se dispesaro(sic) se dispesaro(sic) logo ta

entendeno(sic)? tipo Eraldo que era irmão de André tinha um camarada por nome Bonga e outros né foi essa galera que fez parte da minha trajetória de vida naquele momento na capoeira regional” (CARLINHOS 01,59)

“Quando eu cheguei aqui em Coité em 94 encontrei alguns capoeiristas entendeu que era chamado capoeirista de rua que tem esse tipo de capoeiristas capoeirista(sic) de rua é o tipo de capoeirista que ele não tem grupo não tem mestre ele joga aprende ali na beira do rio, na beira do praia, em algum lugar entendeu? No mato ainda tinha esse tinha um lugar aqui em Coité chamado Tanque do Governo o pessoal treinava muito lá baixada de mato matagal o pessoal treinava muito lá eu encontrei aqui em Coité algumas pessoas na capoeira né que ate hoje eu me lembro é Carlinhos né Carlinhos, André é Jô e o falecido Bezinho essas pessoas já fazia capoeira já praticava capoeira já a capoeira de rua então encontrei com ele e gente começou a fazer parte é a andar, fazer amizade.” (SAMURAY, 1,00min)

Como é possível observar na Figura 1, estes jovens não se preocupavam com a uniformização, jogando com calças de diferentes cores e sem estampar nenhuma logomarca de grupos, características de capoeiristas de rua. Outra característica desta “modalidade” é o fato de não usar graduação¹.

É perceptível que neste período da história da cidade, o objetivo era apenas se divertir e aproveitar os momentos proporcionados por esta pratica, nítido na forma espontânea dos jovens, em outras palavras “vadiar”, sem se preocupar com mais nada.

Figura 1 – Os capoeiristas de Coité.



¹ Graduação/cordel/corda/cordão são nomes dados a corda que é amarrada na cintura dos capoeiristas que os identificam na hierarquia da capoeira. No entanto cada filosofia adota uma nomenclatura para tal.

Fonte: Página de Janete Andrade do Facebook²

Da direita para a esquerda em pé, Bezinho, Carlinhos, Samuray, Lindaise; de pernas pro ar, Carlinhos. A foto foi tirada num domingo pela manhã, antes de acontecer a famosa roda de compra, no Largo do Mercado Municipal de Coité.

Os treinos aconteciam sempre ao entardecer, pois todos os que praticavam trabalhavam durante o dia. Eles se reuniam em bairros na periferia e faziam movimentos vistos nas revistas³ e trocavam experiências.

“Não o capoeira a capoeira já morava em nós mesmo qualquer momento que a gente se encontra assim no momento oportuno assim a gente já fazia um movimento tinha tinha(sic) alguns momentos que a gente marcava umbora(sic) acorda cedo véi(sic) pra ver se a gente pega aquele salto que agente viu bora bora(sic) vê se pega aquela entra aquela saída que a gente viu e a gente marcava 5 horas da manhã ta entendendo? Sempre acontecia eu mesmo André, Bezinho a gente treinava muito no mato dava muita espiração pra gente né é foi assim.”(CARLINHOS, 02,10)

“A gente praticava todo dia todos os dias naquela época a gente não tinha espaço público pra fazer aula de capoeira da aula né, ai a gente fazia na grama tinha uma tinha uma rua, lá lá(sic) lá(sic) em baixo na Pampulha que num é não tinha casa não tinha né ali era tudo grama grama(sic) gramado a gente treinava todos os dias cinco horas da tarde ali, aqui em Coité todo dia cinco horas ou se não ia para o Tanguê do Governo, como falei antes no tanque do governo a gente tinha uma área lá como se fosse uma roda mesmo um mato ralo assim um mato bem rasteiro e a gente jogava lá também de vez enquanto a gente fazia na frente do mercado dentro do mercado também nos povoados saía para negocio de jogo de bola ai depois fazia apresentação de capoeira” (SAMURAY 3,15)

Nesse período, apenas quatro pessoas praticavam o jogo com maior frequência, André, Carlinhos, Samuray e Bezinho⁴, estes não chegavam a formar um grupo, porém devido a pratica, eles estavam sempre juntos. Apesar de esses treinos acontecerem com frequência, não havia uma obrigatoriedade de nenhum de ir, pois, eles só participavam quando tinham vontade de “vadiar⁵”.

Figura 2 – Treinos de Capoeira

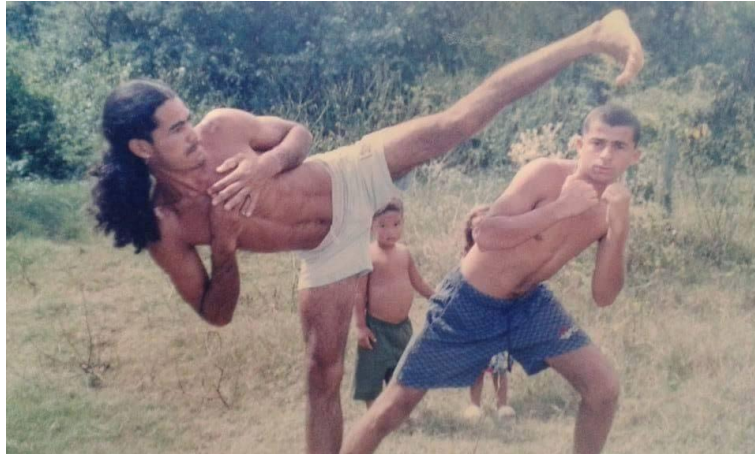
²

https://www.facebook.com/janete.andrade.315/media_set?set=a.1421000791459564.1073741830.100006489690040&type=3 Acessado em 10/01/2015.

³ Revista Praticando Capoeira.

⁴ André (Sobrenomes), Carlos Castro Lima, Robson Mascarenhas Miranda e Humberto Oliveira Araújo, eram jovens que moram na periferia da cidade, eram profissionais autônomos, pedreiros, carpinteiros que se dedicavam a pratica apenas para distrair das dificuldades encontradas no seu cotidiano.

⁵ A palavra “vadiar” será usada neste trabalho referindo-se sempre ao jogo descomprometido, seja na roda ou treinando, apenas diversão e descontração.



Fonte: Página de Janete Andrade do Facebook⁶

Na figura 02, Bezinho dando uma chapa⁷ e um rapaz não identificado aplicando uma rasteira de frente; atrás, crianças observando o treinamento, num terreno baldio. Podemos observar as condições em que estes jovens treinavam: em terrenos baldios, sem roupas “adequadas”, sem um professor, apenas trocando golpes, e exercitando estes golpes com os amigos. Nada de formalidade, nada obrigatório.

Já as rodas⁸, com poucos instrumentos, apenas um pandeiro e às vezes um berimbau, geralmente para chamar a atenção da sociedade, aconteciam em dias de feira, aos domingos pela manhã, eram as chamadas rodas de compra, onde os observadores lançavam moedas⁹ no meio da roda e dois jogadores disputavam aquela quantia, sendo o vencedor seria aquele que conseguisse pegá-las com a boca, usando apenas os movimentos de capoeira.

“Rapaz eu num é tinha umas rodas muito linda na frente do mercado mesmo assim sempre acontecia as rodas aos domingos né pela manhã que existia o jogo a compra do dinheiro a onde as pessoas jogava o dinheiro e ali jamais o parceiro deixava o outro pegar o dinheiro ai a luta se tornava mais gostosa porque eu ia tentar pegar o dinheiro e o colega nada nada(sic) de pegar esse dinheiro quem tem de pegar é eu e eu tinha de fazer minhas esquivas e minha entrada pra ele não pegar também ficava aquela jogo gostoso e assim o engraçado que esse jogo de compra era assim o primeiro que jogava o dinheiro era o oponente que tava(sic) tocando o instrumento pra fazer a chama pra que o povo que tava(sic) assistino(sic) entendesse que era aquele jogo que a gente tava(sic) fazendo.” (CARLINHOS 5,00)

“Ah dia de feira, dia na praça, geralmente antigamente a maioria das rodas que quando fazia sempre tinha pessoas assim pra jogar o dinheiro a maioria das vezes

⁶

https://www.facebook.com/janete.andrade.315/media_set?set=a.1421000791459564.1073741830.100006489690040&type=3 Acessado em 10/01/2015.

⁷ Golpe frontal, que tem como objetivo atingir o oponente com o peito do pé na altura do peito ou queixo.

⁸ As rodas são os momentos em que dois jogadores lutam/dançam ao som dos instrumentos musicais e de músicas misturando a malícia e os golpes para pegar o seu adversário.

⁹ Geralmente nestas rodas eram jogadas apenas moedas, para dificultar ainda mais o jogo e causar uma disputa mais acirrada.

sempre sempre(sic) tinha entendeu? Ee ai já começava aquela disputa geralmente dia de feira é mais porque feira é maior né a feira sempre é maior tem mais movimento mais pessoas mais apresentação em praça qui(sic) qui(sic) rolava roda na praça sempre tinha alguém que jogava já era menos que na feira menos qui(sic) na feira qui(sic) na feira mais gente mais jogava e nas apresentações sempre aparecia também vamu(sic) joga ai um dinheiro pessoal ia lá e fazia essa disputa ai.” (SAMURAY, 5,68)

As rodas de compra serviam para difundir a cultura e promover uma aproximação da sociedade em relação à prática dessa manifestação, contudo a intenção daqueles que assistiam as rodas era ver a disputa e não necessariamente admirar a arte ou a prática, como informa a maioria das fontes orais. Já para os capoeiristas, a intenção das rodas era apenas distração e também para ganhar um trocado.

“Acontecia assim o pessoal que tava(sic) em redor(sic) gostava muito de ver né os capoeirista se pegando um pegando o outro entendeu? Queda mesmo o pessoal adora ver o pessoal que tá (sic) fora assistino(sic) adora ver uma queda quando dá uma queda ave maria(risos) o pessoal, o cara, o pessoal se acabava de dar risada então (tosse) eles pá(sic) meio de ajudar a capoeira achando eles meio de ajudar a capoeira também e pra ver mais eles jogavam dinheiro no meio da roda e ai aqueles capoeiristas iam disputavam pra pegar o dinheiro mas só que eles queriam que se pegasse com a boca plantar bananeira, né plantar bananeira bota a mão no chão bota os pé pra cima equilibrar e desce pra pegar ne muito fácil né mais eles queria assim gostavam adoram de ver isso ai jogavam o dinheiro ai os capoeiristas iam lá e com um vacilo do outro o cara pegava o metia o pé no outro assim pouco ai ele afastava assim numa distancia qui(sic) de quando desse pra pegar ia com cuidado que se não ele via de lá pra cá metia o pé também pra derrubar um disputa braba(sic) serrada mesmo e ai o outro pegava o dinheiro entendeu era era(sic) isso ai” (SAMURAY 7,15)

Sobre a interpretação das visões e significados relacionados à prática desta manifestação ao longo de sua história, Josivaldo Pires de Oliveira conclui,

“Os significados atribuídos à capoeira, através de diferentes discursos, variaram bastante ao longo de sua história. Durante maior parte do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, a capoeira sempre esteve associada ao mundo do crime. Poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira”. (OLIVEIRA, 2009, p. 48)

Alguns dos capoeiristas citados acima, já haviam também tentado manter a prática desta manifestação ministrando aulas em algumas localidades do município. Um destes lugares foi o povoado de Goiabeira, André e Carlinhos foram professores de Capoeira de Rua¹⁰ durante cerca de um ano nesta localidade, passando depois o trabalho para Samuray.

¹⁰ A capoeira de rua era o nome dado para a prática dessa manifestação, já que para jogar não existia nenhum fundamento nem filosofia, era uma vadiagem transmitida para quem estivesse na rua – no lugar – onde era praticada.

Depois de muitas rodas e treinamentos na década de 2000 houve uma separação destes praticantes, Samuray e Bezinho decidiram praticar a arte a partir de grupos, passando a ter responsabilidades, respeito às hierarquias, uniformização, dentre outras questões.

Os outros capoeiristas do período, André e Carlinhos, decidiram manter a forma de “vadiar”, visto que não estavam interessados em nada formal, mas, em aproveitar o que a prática tivesse a oferecer enquanto lazer.

“Não assim eu tive o conhecimento da capoeira no dia a dia mesmo mas assim eu participei do grupo Raízes que era mestre Joel na época de Cachoeira né a onde eu peguei o verde amarelo peguei o segundo cordão na época né mas eu fui uma pessoa assim que nunca me adaptei cum(sic) a ideia de academia de né de academia de ta(sic) ali rotulado a rotulado a uma entidade entendeu agora que eu eu(sic) comecei ver algumas importâncias que existe dentro de uma entidade dentro de um rotulo assim mas eu nunca pensava sobre isso não.”(CARLINHOS, 10,00)

Samuray por ser da cidade de Cachoeira já havia vivenciado a prática da capoeira de rua e também a partir de grupos, e por manter contato com a sua cidade natal resolveu fazer uma aliança com o grupo de lá, chamado *Raízes dos Orixás*, dos mestres Joel e Luizinho, ambos da mesma cidade.

A partir do envolvimento destes capoeiristas no grupo, eles fundaram uma “academia” no povoado de Juazeirinho e começaram a dar aulas semanais, depois com a divulgação do trabalho eles passaram a ministrar as aulas na sede do município, realizando inúmeras atividades, como eventos anuais para batizados¹¹, troca de cordas e para a integração com outros grupos.

O *Raízes dos Orixás* teve duração de cerca de três anos e logo após os praticantes organizaram outro grupo, mantendo a mesma estrutura, denominando-o de *Unidos da Regional*¹², sendo o Mestre da cidade de Cachoeira, o já citado Luizinho. Antes do ingresso no *Unidos da Regional*, por não estar inserido em nenhum desses espaços, Samuray e seus alunos criaram o *Lamento do Guerreiro*, apenas com pessoas do município de Conceição do Coité. Contudo este não desenvolveu, ocorrendo a dissolução do mesmo em menos de um ano.

Durante todo este período, de aproximadamente 2000, Carlinhos e André abandonaram a pratica deste esporte por motivos distintos. André ingressou numa igreja evangélica e parou de praticar e Carlinhos, por não possuir com quem jogar a Capoeira de Rua, decidiu também

¹¹ O batizado é o momento em que o capoeirista conquista a sua primeira graduação de capoeira, jogando com um graduado/formado e sendo a partir de agora integrante do grupo. Esses eventos acontecem anualmente e proporcionam troca de experiências entre grupos de capoeira e capoeiristas de diversas filosofias.

¹² O Grupo Unidos da Regional continua ativo e ainda é liderado pelo Mestre Luizinho, apesar dos capoeiristas desta cidade não serem mais envolvidos neste grupo, a amizade construída durante os anos de participação do grupo ainda são conservadas e nos eventos anuais o Grupo Unidos da Regional sempre convida o Grupo Internacional Mundo Capoeira e vice- e versa.

por abandonar esta prática, regressando apenas em 2012, envolvido agora com a Capoeira Angola e depois com o Contramestre Ponteiro¹³.

A prática desta arte e os capoeiristas foram sobrevivendo a todas as barreiras e preconceitos impostos por uma sociedade que via nela uma desordem e vadiagem visto que, como Rego descreve, “o capoeira, desde o seu aparecimento foi considerado um marginal, um delinquente, em que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadrá-lo e puni-lo.” (REGO *apud* CAMPOS, 2011, p. 46).

Contudo, nem todos os capoeiristas aceitavam essas condições impostas, como foi o caso de Bezinho. Segundo as fontes orais, ele é descrito como uma boa pessoa, mas não conseguia “levar desaforo para casa”, o que fez com que ele fosse chamado por muitos de seus conterrâneos de “valentão”. Além disso, ele não conseguia ver as injustiças da vida e “não tomar as dores pra si”, fazendo com que criasse muitas discussões e “rixas”.

“Quanto a capoeira a diretamente não assim tinha uma certa discriminação contra eu e Bezinho porque na época tinha aquela, saia aqueles, boatos que Bezinho era valentão qui(sic) saia batendo nas pessoas aquele negócio então criaram essa ideia na mente ai quando os homens nus via em algum lugar eles achavam que a gente tava(sic) ali pra badernar pra brigar entendeu ai de qualquer maneira como a gente "oh" de qualquer maneira como a gente era um era capoeirista entrava a ideia da capoeira mas não tinha nada haver.” (CARLINHOS 8,00)

“Não assim eu mesmo não mas é, é(sic) a única pessoa qui(sic) teve repressão policial foi finado que eu lembro foi finado Bezinho que teve na capoeira porque árias festas né daqui de coite ele tava(sic) né e brigava e sempre ele ia preso só que eu lembro só ele eu nunca tive problema de repressão policial não” (SAMURAY, 13,58)

Pedro Abib descreve em seu livro *Mestres e Capoeira Famosos na Bahia*, os capoeiras de maneira semelhante a descrição das fontes orais sobre Bezinho, Abib afirma “[...] o indivíduo considerado “capoeira” era aquele que possuía hábitos e vestimentas peculiares, além de ser considerado marginal, violento e perigoso.” (ABIB, 2013, p. 27).

¹³ Contramestre Ponteiro, o Edson Oliveira, começou a jogar como aluno de Samuray, não participando da Capoeira de Rua. Posteriormente, começou a praticar filiando-se a grupos de outras cidades e chegou a montar uma academia em Coité. Mas, por trabalhar viajando para outras cidades, também não continuou a prática, deixando seu aluno mais velho, Cláudio como responsável pelos seus outros alunos.

2.1 – BEZINHO, O BESOURO¹⁴ COITEENSE.

Figura 3 - Bezinho



Fonte: Página de Janete Andrade do Facebook¹⁵

Humberto Oliveira de Araujo, ou como foi batizado na capoeira Bezinho, era um jovem negro, pobre que vivia na periferia e trabalhava como autônomo, exercendo as funções de pedreiro, carpinteiro e pintor, teve dois filhos e muitas mulheres. Bezinho, (figura 03) fazendo o movimento conhecido como borracha, elástico ou bico de papagaio.

Segundo as fontes, Bezinho era uma capoeirista que atraía diversos olhares, e se envolvia nas mais diferentes “confusões”. Nas festas que participava, ele sempre brigava, “apesar de ser bom com as mãos, nas emissoras de rádio sempre ouvíamos dizer: “Bezinho capoeirista” foi preso brigando”. Conta-se ter existido uma ordem judicial, para que uma academia de capoeira de Bezinho fosse fechada, aproximadamente no ano de 2000, devido a figura dele ser associada a algo que influenciava a violência, e teria que ser reprimido. Nesse mesmo ano, Bezinho teve problemas com um oficial de justiça.

“Rapaz é Bezinho pra mim foi um cara um cara especial, um camarado(sic) que ele tinha a parte boa dele aprender(sic) muito com ele também apesar que ele era muito discriminado pelo motivo dele não aceita alguns coisa né da sociedade, essa ideia mesmo de da pessoa chegar num lugar e muitas das(sic) vez as pessoas ficavam olhando de mal olhar ali para ele já era uma ofensa né já era uma ofensa(sic) e pra mim ele foi um camarado(sic) muito bom né e infelizmente houve essa coisa do

¹⁴ Besouro, refere-se ao grande capoeirista de Santo amaro, Manoel Henrique Pereira, codinome Besouro Mangangá, que foi considerado desordeiro pra polícia, mas se tornou lenda, retratado em documentários e em muitas músicas.

¹⁵

https://www.facebook.com/janete.andrade.315/media_set?set=a.1421000791459564.1073741830.100006489690040&type=3 Acessado em 10/01/2015.

assassinato dele mas né pra mim e para muitas pessoas também ele é uma pessoa boa na sociedade né.” (CARLINHOS, 7,53)

As fontes indicam que ele foi morto em uma emboscada, quando voltava de um bar de madrugada, acompanhado com quatro amigos, na Rua Leopodino Ramos, centro da cidade, em frente ao Colégio Estadual Durval Silva Pinto, um carro parou e desceram alguns homens armados. Estes mandaram os companheiros de Bezinho correr e não olhar para trás, estando a sós¹⁶ com ele, de joelhos foi atingido por um tiro nas pernas, após atirarem disseram “agora jogue sua capoeira e se defenda” e mesmo sem obter resistência por parte de Bezinho ele ainda foi atingido por mais 5 tiros em seu corpo, deixando-o quase irreconhecível, essa versão foi contada pela maioria dos entrevistados.

A sua morte foi descrita pelas fontes orais como algo muito traumático para a história dessa manifestação, pois, o “valente capoeira tinha partido para não mais voltar”. Apesar dos altos e baixos da sua personalidade, na roda ele sempre foi exemplo a ser seguido, jogava muito bem, dava saltos mortais e fazia outras acrobacias que deixavam o seu jeito de jogar marcado nos alunos mais novos, que muitas vezes queriam um dia ser tão bom capoeirista quanto ele foi.

Apesar de ter morrido há alguns anos, ele é uma figura presente nas rodas atuais e nas memórias contadas e em muitos “puxões de orelha” do Mestrando Samuray e seus alunos.

“Rapaz na na(sic) capoeira ele ele(sic) ele(sic) só reagia num maneira vamos se dizer assim grosseira quando o parceiro também agia pela merma forma porque ele não era uma pessoa violenta, as pessoas algumas pessoas via a violência nele mas só que não existia essa violência nele na realidade né não existia ele num aceitava algumas coisas que a sociedade tentava impor sobre ele certo que ele tinha cabelos longo a é vagabundo porque usava marca, é igualmente hoje ele não aceitava esse tipo de coisa”. (CALRINHOS 8,33)

“Pior que a capoeira sofreu porque era um grande capoeirista entendeu era um grande capoeirista, defendia(sic) ajudar seus colegas em muitas coisas ele tava(sic) pronto pra qualquer coisa na capoeira sempre pronto né? Defendia com muita valentia seu grupo seus colegas que sempre tinha aquela rivalidade de capoeira sempre teve isso ai então quando vinha outros grupos que se encontrava grupo com grupo era aquela rivalidade de troca pancadaria e a gente sempre levou vantagem por ter vários capoeiristas assim que tinha que era forte na capoeira e Bezinho era um desse né era muito forte na capoeira era legal”(SAMURAY 12,58)

O enterro do “valente capoeira” foi movimentado, todos os capoeiristas e amigos participaram da homenagem organizada, seu corpo foi velado na Praça do Mercado, onde houve uma roda com ladainhas de Angola em homenagem a figura dele, uma das muitas

¹⁶ Apesar do crime não ter testemunhas oficiais, as fontes orais indicam que houveram pessoas que estavam em suas casas e em comércio que ouviram o fato e comentaram com as pessoas mais próximas de Bezinho.

cantigas foi a ladainha do Valente Capoeira, cantada por Samuray, segundo as fontes, não houve capoeirista, amigo ou parente que não se emocionasse com aquele momento.

“Foi valente capoeira
 partiu pra nunca mais voltar
 Deixando muita saudades
 que até hoje faz chorar
 Me ensinou a ser guerreiro
 e ao meu medo a derrotar
 A ser valente mandingueiro
 a cair e a levantar
 Não desprezar o mais fraco
 nem pro mais forte rebaixar
 Mas o destino um dia me fez chorar
 Gigante partiu pra longe
 Foi pro céu, com Deus morar
 mas a vida é assim mesmo
 Eu só posso lamentar
 e ter no peito a esperança
 De um dia meu Mestre reencontrar,
 lá no céu tem três estrelas
 Uma é Bimba outra é Pastinha
 outra é Mestre Gigante
 Com toda a sua força e valentia ”¹⁷

Depois de velar o corpo e de jogar em memória dele, o enterro seguiu para o cemitério da cidade e, antes que o corpo fosse enterrado houve outra roda, e em seguida Bezinho¹⁸ foi enterrado, sobre o seu caixão foi colocado seu berimbau e sua calça de capoeira.

Apesar da morte de Bezinho, Samuray continuou o seu trabalho com os alunos que haviam conseguido e foram perpetuando a prática, sem ajuda dos órgãos públicos, sobrevivendo de rifa, doações, e outras coisas mais.

Em 2007 surge a possibilidade de trocar novamente de grupo, desta vez o grupo pertencia a um soteropolitano que conheceu o “trabalho” realizado por Samuray através de

¹⁷ Encontrada no site:

<http://www.capoeirasdb.cl/index.php?id=21><https://www.facebook.com/GrupoDeCapoeiraCulturaBrasileiraRc/posts/235472839913434>.

¹⁸ Analisando as fontes, Bezinho pode ser considerado o Besouro Mangangá de Conceição do Coité, pois como as lendas de Besouro, Bezinho também era desordeiro pra polícia e tornou-se lenda pra capoeira, pelos menos nesta cidade.

um aluno e a proposta foi aceita. Sendo assim, o grupo de capoeiristas em Coité seria parte do *Grupo Internacional Mundo Capoeira*¹⁹, do Mestre Dendê²⁰.

Nesse período aproximadamente, um irmão de Carlinhos, Irmão Jó²¹ começa a praticar sozinho a Capoeira Angola, e influenciando também alguns colegas e vizinhos. Passando a existir nesse momento dois grupos de capoeiristas, um formal liderado por Samuray e outro informal liderado por Jó.

No ano de 2008 houve na cidade alguns fatos importantes, durante o primeiro evento de capoeira do novo grupo de Samuray, neste evento participaram cerca de 20 estrangeiros – italianos, belgas, russos – o que atraiu a atenção dos órgãos públicos, que contribuíram e proporcionaram a realização do evento, fornecendo tudo que era necessário para a realização do mesmo, mas tudo isso não era fruto do reconhecimento do trabalho de Samuray, mas representava a valorização dos estrangeiros na cidade. De 2008 até 2012 devido a ausência de estrangeiros no evento, não houve uma colaboração do mesmo porte em nenhum outro ano.

Apesar desta manifestação ser presente na cidade a alguns anos, e por ser um esporte praticado no Brasil inteiro, o poder público não percebeu a importância em patrocinar eventos ou algo que fosse ligado a preservação da arte, até perceber que o esporte trouxe estrangeiros para cidade. Este fenômeno é comum em relação às coisas brasileiras²² em geral, geralmente o valor é atribuído a partir da participação de grupos que teoricamente não teriam uma relação relevante, como no caso supracitado.

A partir dessa inclusão no novo grupo, houve uma mudança nos capoeiristas, tanto no jeito de jogar, quanto na maneira de se portar enquanto cidadãos, o grupo trazia consigo uma filosofia que modificou os capoeiristas, fazendo-os ser capoeiristas dentro e fora da roda, transmitindo os valores aprendidos em todas as ocasiões, era perceptível a transformação a qual os capoeiristas da cidade haviam sofrido²³.

“A dificuldade que a gente não tinha apoio de ninguém né e e(sic) assim os governantes da época nem olhava para essa ideia e eu acredito que eles até eles via até como uma coisa marginalizada mesmo né não tinha apoio mesmo a gente vivia naturalmente levava a gente nem pensava nessa ideia de de(sic) preconceito,

¹⁹ O *Grupo Internacional Mundo Capoeira* foi criado em fevereiro de 2007, inicialmente em Salvador, mas atualmente está presente com 12 cidades do Brasil – Conceição do Coité, Valente, Ichu, Retirolândia, São Domingos, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Fortaleza e também em outros países, a exemplo da Alemanha, Bélgica, Espanha, Irlanda, Itália, Rússia, México, Moçambique, Estados Unidos e Turquia.

²⁰ Antonio Raimundo Nunes, nascido em 10 de junho de 1964 na cidade de Salvador, Bahia, atualmente reside na Rússia, mas continua supervisionando as academias nas cidades brasileiras..

²¹ Irmão Jó, o Josevaldo Castro Lima, conhece a capoeira angola e passa a praticá-la com a supervisão de um mestre de outra cidade.

²² Esta desvalorização das “coisas” brasileiras já foram estudadas por vários autores, entre eles, GARCIA, Tania da. O “it” verde e amarelo de Carmem Miranda (1930-1946) /. São Paulo: Annablume, 2004.

²³ É essa perspectiva que iremos discutir no capítulo 3, como a capoeira é capaz de transformar os cidadãos através de sua filosofia e como acontece essa transformação social.

racismo, discriminação nos nem pensava nos levava na esportiva não ligava para essas ideia não levava naturalmente mesmo nos não tinha esse pensamento que existia racismo preconceito contra o movimento da capoeira não num pensava isso não tinha esses conhecimentos. (CARLINHOS, 13,55)

Com essa transição de grupo, esta manifestação cultural conquistou também o apoio de órgãos privados e de órgãos públicos e organizações não governamentais. Segundo Samuray, essa mudança foi muito positiva, pois com mais organização e com a adequação de novos valores à prática, ele conseguia trazer mais alunos e adeptos à prática, amenizando os preconceitos.

Até o ano de 2007 com a filosofia de outros grupos, esta manifestação demonstrava apenas o lado da luta da capoeira, não havia uma organização, pouco respeito e acontecia com certa frequência, uma roda terminar devido ao início de brigas durante o jogo de companheiros de grupo.

Com adesão ao *Mundo Capoeira*, os capoeiristas se preocupavam com os princípios ensinados na roda e a “violência”²⁴ deixou de ser presente na prática, dando lugar a um jogo “mandigado” e malicioso, mais bonito de ser visto, e sendo incorporado à prática outras culturas, a exemplo do maculelê²⁵ e a puxada de rede²⁶, práticas que até então não faziam parte da capoeira dessa cidade.

No capítulo anterior foi dito que esta manifestação popular conseguiu em 2008 o reconhecimento como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Brasil, na realidade desta cidade, essa informação chegou tardiamente, e o fato de agora ter um apoio na lei não fez com que a realidade, o cotidiano dos capoeiristas mudassem, pois não havia até o ano de 2012 o diálogo com os órgãos públicos da cidade entendendo esta manifestação enquanto algo a ser salvaguardado.

Em 2009 o já citado *Grupo Internacional Mundo Capoeira* é incentivado pela direção do CPECC – Centro de Promoção à Educação, Cultura e Cidadania – a criar uma associação para obter a colaboração da esfera pública através de projetos, editais apoio para a manutenção da arte. Assim em 05 de maio de 2009 surge a ACDEC Associação Cultural

²⁴ Esta violência citada, diz respeito à inclusão de golpes de outras modalidades esportivas durante o jogo da capoeira, a exemplo do Boxe, Karatê, Kong Fu, dentre outras. Visto que o jogo é considerado perigoso por ser uma luta, porém o termo não foi usado neste sentido.

²⁵ O maculelê é uma dança, com dois bastões de madeira chamados de esgrimas, que simboliza a luta do guerreiro Maculelê, que defendeu sua tribo, mulheres e crianças, de uma tribo inimiga com apenas dois bastões, a dança possui movimentos de capoeira, frevo e de animais seguindo o ritmo do atabaque.

²⁶ A puxada de rede, é uma dramatização do cotidiano dos pescadores entoando canções.

Desportiva e Educativa de Capoeira²⁷, como objetivo de conseguir meios para manter e fortalecer a prática no município.

A ACDEC embora ativa desde 2009 ainda não foi capaz de trazer os benefícios esperados, – a exemplo de um espaço físico para a prática -, por motivos diversos, desde a falta de organização da associação até a falta de conhecimento e informações de projetos, editais e outras oportunidades para conseguir verbas para manter e preservar esta arte neste município.

Havia a colaboração de duas associações do município da CPECC²⁸ e do Revolution Reggae²⁹ para a capoeira, incluindo-a em eventos realizados por estas instituições, a exemplo do CPECC que a incluiu no programa Ponto de Cultura, e o Revolution Reggae que fazia a parceria com essa arte sempre nas semanas da Consciência Negra produzidas anualmente pela Associação. Contudo estas associações parceiras também não recebiam apoio dos órgãos públicos para a sua manutenção o que dificultava o apoio maior a esta manifestação cultural.

Com a adesão das escolas estaduais ao programa federal Mais Educação a capoeira começa a ser entendida enquanto arte e cultura e é levada às escolas, este passo foi importante para a divulgação e para a apresentação desta manifestação em novo formato, mais bonita, cheia de fundamento, sem violência.

Mestre Xaréu o Hélio Campos, diz que A capoeira saiu dos guetos, do terreno baldio, do quintal e conquistou a rua, a praça, a academia, o clube, o teatro, a escola e a universidade, conquistou a sociedade brasileira e, atualmente, está espalhada no mundo inteiro (CAMPOS, 2001, p. 34), exatamente assim foi o desenvolvimento aqui nesta cidade, saí de matos, roças, ruas e chega às escolas, para daí partir para o Brasil e o mundo inteiro.

Através desta iniciação no programa federal, essa arte começa a ganhar o apoio das escolas inicialmente naquelas que ofereciam o programa, e depois nas outras escolas, quando o grupo passou a ser chamado para participar de apresentações culturais durante a semana do folclore ou coisas do gênero.

Estes convites que só apareciam em datas comemorativas de cultura negra, foram interpretadas pelos historiadores³⁰ de diversas formas, na maioria delas alegando que esse

²⁷ Esta Associação é legalizada, possui os documentos necessários, declara não ter fins lucrativos, e por isso depende de outros órgãos e de doações para realizar as suas atividades – inclusive as reuniões;

²⁸ CPECC o Centro de Promoção da Educação Cultural e Cidadania, órgão não governamental fundado por professores no ano 2000, com o objetivo de incentivar e fortalecer a cultura no município.

²⁹ A Associação Cultural Revolution Reggae foi criado em 2003 por jovens que através do reggae e sua filosofia tentam mudar a realidade da periferia através de programas e políticas sociais.

³⁰ Na obra Jogo de Discursos: A disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana, o autor Paulo Andrade Magalhães Filho, discute no terceiro capítulo “Arte ou Luta? Entre o folclore e o esporte”, essa folclorização da prática e o resultado disto na prática e na história da capoeira.

processo reduz toda a importância e a cultura existente na prática, porém no contexto da cidade apresentada neste trabalho, essa folclorização foi bastante produtiva. Segundo Campos,

“Como folclore, a Capoeira é uma manifestação popular que preserva as tradições culturais de um povo, retratando, nas sociedades civilizadas, a história da escravidão do negro, seu modo de vida, seus cantos, suas lendas, suas crenças, seus rituais, suas músicas e expressões corporais, tradição esta garantida pelos Mestres de capoeira.” (CAMPOS, 2011, p. 84)

Essa folclorização da prática - também apresentado no capítulo anterior -, não foi maléfica no contexto desta cidade, pois, ela permitiu que a capoeira fosse reapresentada a sociedade e aos poucos os benefícios físicos e sociais foram conquistando mais pessoas e esta manifestação passou a ser vista como qualquer outro esporte na cidade.

A capoeira aproveitou essas oportunidades públicas para desconstruir alguns preconceitos e visões equivocadas, fazendo com que houvesse mais aceitação social. Diferente da folclorização anteriormente apresentada, que era usada para diminuir a prática e suas especificidades, limitando-a “coisas de negro”.

A prática deste esporte para os homens sempre foi algo natural, isso se deve ao motivo desta manifestação ser considerada masculina, inclusive nesta cidade, onde a participação feminina foi maior depois do ano de 1990, entretanto cheio de altos e baixos.

Para as mulheres a prática foi e é até hoje sinônimo de preconceito e discriminações, muitas mulheres enfrentaram os estereótipos criados e tentaram firmar-se na prática, porém por muitos motivos, a participação das mulheres nesta arte aqui na cidade de Conceição do Coité não foi muito forte.

“[...] O corpo feminino em especial inspirou poesias, pinturas, músicas, esculturas, além de outras práticas artísticas, em sua valorização estética e sensual. Geralmente predominou certa exaltação do feminino a partir de suas representações. Contudo, paralelamente ao mundo artístico formal, também foram construídos discursos que visavam a controlar o corpo feminino, particularmente no que diz respeito ao campo de sua gestualidade, ou mais precisamente, da sua linguagem corporal. O corpo feminino deveria ser contido naquilo que poderia significar para a sociedade.” (OLIVEIRA, 2009, p. 137)

Atualmente devido a não possuir mulheres no grupo que iniciaram a prática antes de 1990, ainda não existe uma representante do gênero feminino como líder de academia e/ou professoras de capoeira, existindo apenas alunas na hierarquia.

Com a inclusão nas escolas havia a prática de meninos e meninas sem restrições, porém eles eram convidados a participar de aulas fora da escola, nas academias e para as

mulheres/meninas isso era mais difícil devido ao preconceito das famílias. Este fato também aparece nas outras partes do Brasil, pois como Josivaldo Pires de Oliveira nos lembra,

“A pratica da capoeira nas primeiras décadas do século XX, na Bahia, remete à valentia e a habilidades corporais nas contendidas entre indivíduos, [...] Trata-se de uma prática diretamente associada ao homem por comportar elementos constitutivos da masculinidade, a exemplo do biótipo e das ações de violência física”. (OLIVEIRA, 2009, p.117)

Muitos historiadores, como Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal³¹ e Pedro Abib³², ao analisarem documentos que citassem a participação da mulher na capoeira, sempre encontrava algo relacionado a “mulheres da pá virada” e/ou “mulher macho”, confirmando assim o preconceito e os estereótipos criados devido a mulher praticar esta arte.

Durante esse período de transição de grupos, Jó continuou desenvolvendo seu trabalho com a Capoeira Angola, ingressando em um grupo de outra cidade e transmitindo os ensinamentos a seus familiares e vizinhos no seu bairro, nada formal como o outro grupo, apenas uma transmissão de conhecimentos informal.

No ano de 2012, um homem conhecido com Ponteiro, agora Mestre Ponteiro, iniciou o trabalho como professor desta arte na cidade criando o grupo o *Esquiva de Ouro*. Passando a existir: três tipos na cidade. A capoeira Angola, com Jó; a Regional com Ponteiro e a Contemporânea com Samuray.

Os três grupos coexistem sem aproximação, mas algumas vezes são convidados à participar dos eventos³³ uns dos outros – Samuray e Ponteiro, pois Jó não possui um ensino formal com eventos e portanto, não promove eventos, mas participa sempre quando convidado. Porém, apesar de haver certo envolvimento dos grupos presentes na cidade, é perceptível a divisão dos capoeiristas de cada grupo, o que atrapalha o processo de crescimento da pratica nesta cidade, limitando um dos objetivos dos eventos, que é a troca de experiências.

Segundo fontes orais, Ponteiro chegou a participar do grupo de Samuray, contudo ele sempre viajava a trabalho, não permanecendo no grupo por muito tempo e há alguns indícios

³¹ Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Leal na obra, *Capoeira, identidade e gênero*, relatam e descrevem o cotidiano das “mulheres da pá virada” na Bahia, mostrando o preconceito sofrido e enfrentado pelas representantes femininas da arte.

³² Já Abib, em sua obra, *Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia*, relata experiências marcantes na vida dos grandes capoeiristas da época, trazendo algumas mulheres que marcaram a história da capoeira, entre elas Maria doze homens, Almerinda, Menininha, Chica, Angélica Endiabrada e Salomé.

³³ Os grupos formais, ou seja, aqueles que possuem hierarquia e filosofia, promovem anualmente eventos para troca de graduações e para troca de experiências na capoeira, convidando sempre outros grupos para produzir uma experiência mais proveitosa.

que Ponteiro iniciou as atividades como professor muito antes de formar este grupo deixando na cidade – sempre que viajava – seu aluno mais velho na hierarquia como responsável pela manutenção do seu trabalho.

A diferença das capoeiras existentes na cidade consiste na maneira de jogar e na filosofia: a tradicional conserva as tradições de graduação (cordel), hierarquia e maneiras de jogar desde os primórdios; jogam angola e regional. Já a contemporânea modernizou a graduação – corda –, a hierarquia – acrescentou o monitor, instrutor e em vez de contra-mestre chama-se mestrando – e joga a regional, porém “joga aquilo que for tocado pelo berimbau, angola, benguela, são bento grande de Bimba”.

A capoeira perde e perdeu muito com as separações, tanto dos capoeiristas mais antigos – que não recebem o respeito que merecem -, quanto destes dois grupos formais – que não se unem causando uma dicotomia de filosofias em Coité.

Contudo “A luta pela liberdade e pela dignidade de manter vivas suas tradições, sempre foi característica desse povo que ajudou a construir e a civilizar o nosso país.” (ABIB, 2013, p.26), o que seria da capoeira na cidade sem a resistência e força de vontade destes capoeiristas, que mesmo com tantas dificuldades fizeram esta manifestação resistir, e hoje tem muitos mais que movimentos a ensinar, tem hoje uma vida dedicada a esta pratica.

Atualmente, os “fundadores”³⁴ desta manifestação estão a mercê, sem obter o respeito e a consideração que merecem por persistirem e plantar a semente da arte nesta cidade. E até mesmo os outros capoeiristas da cidade não se preocupam e muitas vezes desconhecem a história e a luta desses homens.

Assim como a pratica transformou muitos capoeiristas e transforma-se a cada dia, ela transformou a vida de pessoas desta cidade, fazendo com que muitas pessoas a margem da sociedade se transformassem em cidadãos com valores sociais e éticos e sujeitos da sua história.

“A capoeira com mais de quatro séculos de existência, manifesta-se, portanto, como um fenômeno que decorre, por certo, de um processo e aprendizagem, não apenas de movimentos corporais físicos, de gestos explícitos ou intenções dissimuladas, mas também de valores, atitudes, concepções do mundo etc.” (BARBIERI, 2013, P. 43).

A roda e os treinamentos são muitos mais que apoio à luta, é o momento de aprender a viver, dentro e fora, entender a realidade e aprender a conviver com as dificuldades da vida, esta perspectiva será melhor discutida no próximo capítulo.

³⁴ Referindo-se a Carlinhos, André, Samuray e Bezinho, grandes capoeiristas que serão lembrados na história pela suas contribuições para a capoeira. Eles foram os responsáveis pela resistência desta manifestação na Cidade e graças a todo esforço dos mesmos, esta manifestação continua viva e cada dia mais forte.

CAPITULO 3 JOGO DE DENTRO, JOGO DE FORA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA CAPOEIRA

A educação é um processo de aprendizado, formal ou não, que contribui para a vida em sociedade. Sua definição remete a processos de construção/formação intelectual e moral do ser humano; nas teorias e métodos relacionados ao ensino, a educação é sempre apontada como essencial ao ser humano.

Durante anos, pensar em educação era pensar em escolas, faculdades, cursos, dentre outros espaços formais de ensino. No entanto, depois da descoberta de novas formas de ensino e aprendizagem foi possível dinamizar este processo de maneira que englobasse diversas dimensões, aproveitando tudo que possa ser considerado educativo.

Com aceitação da educação de forma ampla, dentro e fora do ambiente escolar, surge assim a educação informal e a não formal, Maria Gloria Gohn explica:

“A Educação transmitida pelos pais na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas etc. são considerados como temas da educação informal. O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe intencionalidade de dados sujeitos, em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos”. (GOHN, 2006, p. 08)

Essas duas vertentes possibilitam ao indivíduo o convívio em espaços diferentes do escolares e que esses contribuam no seu processo formativo para a vida em sociedade. De acordo com Freire:

“O encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes”. (FREIRE, 1996, p. 79).

Assim, as escolas continuam tendo seu papel fundamental para a formação, porém não mais de forma exclusiva, pois as vivências dos indivíduos, assim como outras possibilidades de aprendizagem não são descartadas.

Nesse aspecto, surgem outras interpretações acerca do que seriam os grupos sociais de cada sociedade. Alguns desses grupos, marginalizados e excluídos desde a sua origem, foram os grupos de capoeira, caracterizados segundo a definição de Gohn como educação não formal e informal. Neste capítulo será discutida essa manifestação como educação e

partiremos de duas vertentes, a capoeira dentro e fora da escola, mostrando o lado positivo e negativo desta prática nos diversos ambientes.

“A capoeira, historicamente, prática surgida e desenvolvida, no bojo da cultura preconizada pelas classes populares, principalmente os grupos populacionais de referencial afro-brasileiro, é hoje, contemplada de diversas formas no espaço acadêmico. Entende-se que um fator determinante dessa aproximação da capoeira e universidade, em especial do contexto da Educação Física, tem a ver, entre outras possibilidades, com o foco de análise das pesquisas acadêmicas nesta área. O mesmo tem se deslocado de um paradigma predominantemente biológico, para pressupostos de análises característicos das ciências humanas, no qual o conceito de cultura tem sido relevante, pois situam os objetos de estudo, como produtos históricos que são constituídos e constituem tramas sócio-culturais complexas e são passíveis de ser estudados considerando diversos ângulos e significados. Assim, a capoeira, prática culturalmente complexa, carregada de significados e simbolismos, não rendida totalmente aos parâmetros do esporte¹, se constitui num amplo campo de investigações ainda por ser mais explorado, e, portanto, cada vez mais atrai olhares investigativos, de estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento”. Acessado em 10 de junho de 2015.³⁵

A capoeira, por sua vez, possibilita a busca da aprendizagem e aquisição de conhecimentos que servirão de base ao desenvolvimento pessoal e autônomo dos indivíduos dentro de uma sociedade, sem que necessariamente tivesse havido uma intenção por trás de tal ação.

“O que configura a humanidade é o fato de sermos sujeito-sociais, cidadãos ativos na história, mergulhado de valores, de desejos, de sonhos, possuidores e produtores de linguagem. Construtor coletivo que produz a história como sujeito social da linguagem”. (KRAMER, 1993, p. 35)

Muitos estudiosos discutem a educação não formal e sua contribuição para a educação de pessoas principalmente para a vida. Dentre eles, como foi mostrado, Maria da Glória Gohn em suas obras *Educação não-formal na pedagogia social* (2006) e *Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social*, Lúcia Aparecida Parreira e Pe. Mário José Filho na obra *A Educação Não Formal: Desafios De Uma Prática Pedagógica* (2010), outro autor é Luis Castanheira Pinto em *Sobre a Educação não formal* (2005), e Andrés Solano Diaz em sua obra *Uma aproximação à Pedagogia-Educação Social* (2006), cada um destes autores afirmam a importância e grande contribuição adquirida após a descoberta desse método novo de construir o conhecimento.

³⁵ <http://www.efdeportes.com/efd171/relacao-entre-capoeira-escola-e-educacao-fisica.htm>

Segundo Maria Gloria Gohn, o processo da aprendizagem da educação não formal se dá através de algumas características, podendo elas estarem relacionadas ao aprendizado quanto às diferenças - aprende-se a conviver com os demais, socializa-se o respeito mútuo; adaptação do grupo a diferentes culturas e o indivíduo ao outro, trabalha o estranhamento; construção da identidade coletiva de um grupo e balizamento de regras éticas relativas às condutas aceitáveis socialmente. Todas essas características são comuns nas rodas e treino de capoeira.

“A capoeira manifesta-se como jogo, como luta e como dança, sem assumir efetivamente nenhuma destas características isoladamente, mas sendo todas ao mesmo tempo. Ela reúne, portanto, grandes instrumentos para a educação escolar, como a música, o ritual, a expressão, a harmonia e sua pluralidade de manifestações corporais e culturais”. (BONFIM, p. 01)

As rodas não se restringem somente à luta e dança, nela há momentos específicos onde o conhecimento do passado é discutido, seja em forma de música ou em conversas de fim de roda, no início da roda de capoeira, por exemplo, o mestre começa a cantar as chamadas ladainhas, que contam histórias referentes a períodos anteriores, versando sobre o preconceito, luta e resistência negra, alertando para os conflitos ainda existentes ligados à cultura afro-brasileira. Neste momento, não há palmas, nem coro – semelhante aos refrãos de músicas comuns -, temos que ouvir o “lamento” com respeito e atenção. Para além das ladainhas, também constrói aprendizado com as outras músicas, ao responder o coro, ao ouvi-la e interpretá-la.

Não obstante, cada movimento ensina algo aos capoeiristas, que levam os reflexos da luta/dança/jogo para o cotidiano, ajudando-os a se controlar nos momentos de tensão. Para Genilson César Soares Bonfim, os benefícios sociais e educacionais proporcionados pela capoeira são inegáveis,

“A capoeira identifica e forma o cidadão através dos seus princípios, a roda em local democrático, nela destacam-se o cantor, o público em geral, os jogadores, não necessariamente precisam ser bons de capoeira para participar da roda, nem tão pouco se discrimina o gênero, classe social, raça ou religiosidade, isso afirma neste espaço de igualdade entre as pessoas, basta ser capoeirista” (BONFIM, p. 04)

No cotidiano dos treinamentos aprende-se a construir conhecimento, a se atentar ao desconhecido e desconfiar das coisas, andar sempre com “um pé na frente e outro atrás”, próximo ao que é a ginga, base de todo capoeirista, esperando os mais diversos acontecimentos e se protegendo sempre.

“Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presente, o esforço de pensar/elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem. Os códigos culturais são acionados e afloram as emoções contidas na subjetividade de cada um.” (GOHN, ?, p. 10).

Lição proveitosa e de grande ajuda na formação de muitos jovens, que crescem tendo contato com as diversas possibilidades da vida, incluindo as drogas, violência e falta de cultura, e que encontra na capoeira e sua prática meios para não se envolver neste mundo.

A capoeira no povoado de Goiabeira, iniciou com André e Carlinhos, como foi colocado no capítulo anterior, em 1980, deste esse momento a capoeira é ensinada neste povoado sempre às quartas-feiras e sábados a partir das 17 horas. Não possui uma sede, utiliza a quadra do Colégio Estadual João Carneiro e a quadra poliesportiva construída pela prefeitura para a realização de treinos e rodas.

A sim sempre dei né inclusive assim tirando da revista assim que eu passava para esse colega até em goiabeira assim eu já passei alguns movimentos pra galera daquela época, que eu nem lembro o nome, mas, aquela rapaziada mas tem um dos que pode ser testemunha disso, Panther, mesmo Panther, sabe que agente ia para lá eu e André a gente saía até andando daqui pra lá né que dá 3 quilômetro pra goiabeira né? Oito né ó muito mais do que pensei ta(sic) vendo ai a gente ia andando eu e André sempre por amor da capoeira na época olha que gente não tinha nem esse conhecimento todo né se agente tivesse que a gente ia se empenhar mais ainda ai tava(sic) começando a buscar esse conhecimento. (CARLINHOS, 4,03)

Como em todos os lugares nos quais a capoeira esteve presente, o grupo teve que resistir aos obstáculos impostos pela sociedade, o que ainda se faz presente nos dias atuais. Atualmente, o professor de capoeira, Instrutor Panther³⁶ na hierarquia da capoeira, completa neste ano, 16 anos enquanto líder no povoado e relata que passou por momentos em que apenas ele praticava, momentos de academia lotada com 40 alunos, outros com apenas 5 alunos, por motivo de capoeira ser “coisa de preto”, “macumba”, “vagabundos” e também por ser “coisa de homem”.

Os praticantes desse esporte no povoado, durante os anos eram apenas sujeitos que se “amostravam” saltando, pulando, “batendo tambor” e levando “pancadas”. As poucas mulheres que conseguiram ingressar eram “mulher macho”, dentre outros apelidos e estereótipos agregados. Contudo, é inegável, até para os que rotulam a arte, os benefícios adquiridos pelos praticantes, principalmente os corporais³⁷.

³⁶ Ricardo Mendes Oliveira Carneiro, carpinteiro e professor de capoeira no povoado de Goiabeira e no povoado de Boa vista.

³⁷ Para os que não viam a capoeira nem como esporte, o único ponto positivo era que deixava o corpo dos praticantes bonito, musculoso.

A capoeira possibilita aos praticantes habilidades como melhora no reflexo, equilíbrio, concentração, coordenação motora, construindo o aprendizado em tempo integral da cultura negra e identidade brasileira através das músicas e da história dos capoeiristas. O aprendizado é voltado para situações do cotidiano, como encarar os problemas, lidar com situações de risco, estimulando o diálogo e a paciência, entretanto, este ganho se dá à longo prazo.

Com a inclusão da capoeira no Programa Federal Mais Educação em 2013³⁸, aconteceu a sua inserção na escola, o que inicialmente causou forte estranhamento na comunidade. “Como “aquilo” que tem na rua, que não possui valor, foi parar na escola?”³⁹

Sobre esses estereótipos e preconceitos Genilson César Soares Bonfim afirma,

“Há que se despir dos preconceitos retrógrados e obsoletos e caminhar para uma identidade nacional soberana, se quisermos sobreviver à autêntica “fagia cultural” da qual estamos (o terceiro mundo) sendo vítimas, ao nos integramos à “romântica” aldeia global”. (BONFIM, p. 09)

Ao longo deste ano, a capoeira foi ganhando o espaço dentro da escola. Os alunos que passaram a frequentar as aulas se destacam pela criatividade e disciplina, dentre outros atributos adquiridos, mostrando-se mais participativos e questionadores nas aulas, bem como tornaram-se protagonistas⁴⁰ nas apresentações escolares sobre a cultura negra e o folclore.

A partir do envolvimento dos alunos com a capoeira na escola, parte dos pais dos alunos permitiram que estes praticassem também na academia, e desde então o número de praticantes aumentou consideravelmente. Este fato está ligado ao conhecimento adquirido pelos filhos e compartilhado com os pais, mostrando o lado cultural, de descontração, histórico e educacional da capoeira, permitindo que o preconceito diminuísse a partir do conhecimento adquirido.

“Capoeira Educação: apresenta-se como um elementíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, o caráter, a personalidade e influenciando nas mudanças de comportamento. Proporciona ainda um auto conhecimento e uma análise crítica das suas potencialidades e limites. Na educação especial, a capoeira encontra campo frutífero junto aos portadores de deficiência”. Acessado em 15 de junho de 2015.⁴¹

O colégio onde a capoeira é ensinada é considerado de pequeno porte, pertence a rede estadual e tem apenas 220 alunos. Funciona nos três turnos: com ensino fundamental II no

³⁸ Neste ano as oficinas oferecidas eram português, matemática, esporte e lazer, aula de violão e capoeira, divididas nos 5 dias úteis 4 horas por dia.

³⁹ Cabe ressaltar que muitos alunos deixaram de participar do programa por que era obrigatório se inscrever em todas as oficinas, e alguns consideravam que seu filho não deviam ter envolvimento com esta prática.

⁴⁰ Os Alunos passaram a realizar atividades escolares peça teatrais, danças afro, capoeira, maculelê, samba de roda, tocam instrumentos, organizam coreografias remontando a cultura aprendida.

⁴¹ <http://www.capoeirapedagogica.com.br/projeto/importancia-pedagogica/>

turno matutino e vespertino e ensino médio no noturno, localizado a oito quilômetros do município de Conceição do Coité, num povoado com aproximadamente 1.000 habitantes, o Povoado de Goiabeira.

Para discutir a capoeira como educação, de dentro da escola, mostrando as tensões existentes no envolvimento desta prática nos diversos ambientes, foram utilizados como fonte os questionários realizados com alunos, professores e pais da Escola Estadual João Carneiro e conversas com os mesmos (entrevista).

A capoeira foi incluída neste ano de 2013 a partir do programa do Governo Federal Mais Educação ou educação em tempo integral, oferecendo a cerca de 60 alunos por ano, oficinas de capoeira duas vezes na semana. Um dos objetivos desse programa oferecido na escola é proporcionar aos alunos atividades durante o dia todo, dentre elas português e matemática e mais oficinas lúdicas para manter o aluno na escola construindo aprendizado em diversas áreas.

O objetivo do governo com a adequação desta modalidade, segundo matéria divulgada pelo Ministério da Educação,

“[...]Constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. As escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal fazem a adesão ao Programa e, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.” Acessado em 15 de setembro de 2015, 18:37⁴².

A inclusão desse projeto na escola permite a construção do ser, do cidadão, da personalidade, de ideias, de autoafirmação de si. Para além de colaborar no cumprimento da Lei 10639/03, que regulamento o ensino da história e cultura afro-brasileira, o que é uma essência desta prática e a Lei 11769/08, visto que a capoeira exige de todo capoeirista a “musicalidade”, podendo o capoeirista tocar berimbau, pandeiro, agogô, reco reco e atabaque.

A diretora Flávia Amâncio Carneiro, informou que depois da inclusão da capoeira na escola, “a escola ganha vida. A participação da capoeira é ativa em todas as atividades educativas”. Afirma que apoia o ensino de capoeira nas escolas “pois acredito na dimensão socioeducativa da sua prática”, além disso, ela relata que não vê “[...] na capoeira aspecto negativo. Observo que a sociedade a torna marginal, sem valor cultural” motivo pelo qual mantém desde o ano de 2013 até o atual esta oficina na escola.

⁴² <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao>

“A capoeira é uma das manifestações culturais (re)criadas pelo povo que, nos últimos vinte anos, mais chamou atenção da classe dominante (e principalmente da Escola) quanto aos seus valores pedagógicos, quanto à possibilidade de sua utilização como um dos meios de educação de crianças e adolescentes das mais variadas populações, das diversas esferas socioeconômicas”(BARBIERE, 2013, P.17).

Levando em consideração as respostas dos questionários, a capoeira possibilita ao aluno ter acesso à cultura negra e a história do Brasil, adquirindo habilidades como disciplina, responsabilidade, espontaneidade, tornam-se cidadãos críticos em relação aos problemas sociais, obtendo respeito pelo próximo e pelos mais velhos.

Os professores destacaram como pontos positivos dos alunos que praticam, o afastamento das drogas, a reflexão sobre a identidade, cultura e história nacional, as habilidades já citadas, a desconstrução de estereótipos sociais, o trabalho coletivo, a tolerância, e o despertar da consciência de pertencimento, além de motivar a prática de outros esportes.

O professor de educação física Rubens da Silva Cedraz, graduado na área, cursou um semestre na faculdade sobre a capoeira, única relação dele com a prática e afirmou que “o processo de educação não está restrito à sala de aula. A capoeira além de ajudar o indivíduo no desenvolvimento das suas potencialidades corporais, desperta para o conhecimento da nossa identidade e cultura.”. Ressaltou também que “ainda faz-se pouco presente [a capoeira] no meio acadêmico e por consequência ocupa pouca ou quase nada de grade curricular nas escolas.” o que na opinião do professor seria o lado negativo da prática, pois há pouco envolvimento acadêmico.

“A capoeira é considerada uma modalidade de atividade física e de uma riqueza sem precedentes, que auxilia na formação integral do aluno; ela atua de maneira direta sobre os aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor dos educandos. A sua riqueza está nas várias formas de ser contemplada na escola, onde o aluno, através de sua prática ordenada, poderá assimilá-la e, assim, atuar nas linhas com as quais mais se identificar”. Acessado em 15 de junho de 2015.⁴³

Já para professora de história Antonia Gisllaine Costa Carneiro, graduada e pós-graduada na área, a capoeira “na infância e adolescência sempre foi algo distante, até estranho. Somente quando adulta passei a ter uma visão mais positiva da mesma, especialmente a partir da graduação e dos contatos com meus alunos que a praticam.” A professora destaca que, “através da capoeira preconceitos e estereótipos são desconstruídos. A conversa na roda, as letras das músicas permitem aos praticantes ter uma visão positiva acerca

⁴³ <http://www.capoeirapedagogica.com.br/projeto/importancia-pedagogica/>

da história e da cultura afro-brasileira, além da criação de uma consciência de pertencimento nessa cultura.”. Sobre a relação da capoeira com a educação, a professora expõe, “A capoeira é uma ótima maneira de mostrar as pessoas o outro lado da história, um lado que muitos esconderam ou procuram esconder até hoje. Através dela muitos preconceitos podem ser substituídos pela valorização de uma cultura que é essencialmente nossa.”.

A capoeira orienta, resgata a cultura, ensina o respeito, acredita no coletivo, enfim inclui os praticantes,

“Entende-se por inclusão as formas que promovem o acesso aos direitos de cidadania, que resgatam alguns ideais já esquecidos pela humanidade, como o de civilidade, tolerância e respeito ao outro; contestam-se concepções relativas às formas que buscam, simplesmente, integrar indivíduos atomizados e desterritorializados.” (GOHN, 2006, 36)

Em contrapartida, os pontos destacados como ruins são a não utilização das habilidades apreendidas nas atividades escolares (aula) e o não comprometimento com as atividades escolares se comparados aos propostos pela capoeira.

Para a maioria dos pais, a capoeira é um bom esporte a ser praticado e grande parte deles incentivam a prática. Para eles os filhos e filhas tornaram-se mais ativos e dispostos, responsáveis e pacientes, bem como contribuiu para a sua mudança comportamental, que passaram a ser mais disciplinados e respeitosos em casa, exceto quando o horário de retorno dos treinos, que muitas vezes atrapalham a ida à escola, excede o normal diário, esta é uma queixa da maioria dos pais.

Uma mãe relatou que a capoeira atrapalha “[...]as vezes. Por mim (sic.) ela [filha] as vezes dá mais importância a capoeira, do que aos estudos. Mas a maioria das vezes consegue dividir o tempo.”, outra mãe pensa da mesma forma ela diz, “[...] As vezes quando vai treinar e perde a hora chega em casa faltando 10m para as 7h daí eu ameaço tirá-la”. Os filhos também relataram que se atrasam.

Ao questionar os alunos sobre a opinião dos pais em relação a prática deles, as respostas foram variadas. Uns que iniciaram sem apoio e hoje já conseguiram convencer os pais, outros que ainda convivem sem apoio em casa. Eles afirmaram que “no início não gostavam muito da ideia, mas hoje em dia já entendem mais e aceitam, hoje apoiam. No início para meu pai foi complicado pela capoeira ser vista como ‘para homens’.”, outros ainda sofrem com o preconceito, “Não gostam, acham que a capoeira é relacionada ao candomblé, olodum e outras religiões, e a minha religião atual é o catolicismo.”, entretanto a maioria deles disse que os pais os apoiam e ficam felizes por eles, além de incentivá-los a continuar.

Os alunos foram questionados também sobre os benefícios que a capoeira trouxe para a vida deles, todos estão felizes e se sentem sujeitos iguais na sociedade. Eles relatam que “trouxe todos os benefícios eu mim (sic.) identifiquei, mim(sic.) deixou mais “vivo””; “Ajudando na educação, na saúde física e psicológica”; “[...] a capoeira me ajudou muito, foi ela que fez eu se tornar(sic.) mais responsável e perder a timidez”; “como eu tenho anemia falciforme ela tirou as dores que eu sentia e ajudou a me entender melhor”; “Mudei de comportamento (pra melhor), e ganhei mais resistência física”; “[...] minha autoestima hoje mudou muito eu me sinto mas(sic.) feliz e agradeço isso a capoeira, nos dias de treino conto as horas para está lá treinando, é onde mim(sic.) sinto feliz”; “Eu não sou aquela pessoa malmorada(sic.) como era antes, eu sou uma pessoa alegre”; “Conheci novas pessoas, amigos, tive várias oportunidade boas aprendi muita coisa, e sinceramente sou mais feliz”.

Os próprios participantes destacam nas suas afirmações que a capoeira mudou a vida deles, eles superaram desafios, como dores, auto estima baixa, mal humor, desigualdade, falta de oportunidades e na capoeira tiveram a oportunidade de ser sujeitos das suas histórias, participando ativamente da construção do seu aprendizado e utilizando os benefícios da capoeira para mudar a vida deles no que incomodava.

Para além das mudanças já citadas, a capoeira se mostra como um meio de transmitir conhecimento, a partir do momento que possibilita aos seus praticantes transformações sócias, educativas, comportamentais, que ensina a pensar coletivamente, que inclui. Em suma, a capoeira transforma os praticantes, colaborando para que convivam, respeitando e aceitando os outros seja a sua pratica dentro ou fora da escola.

Até o momento, entendemos que a capoeira é positiva se incluída na escola, porque supre com as necessidades da mesma e possibilita aos praticantes muitos benefícios, no entanto, para que a capoeira seja incluída na escola, ela passa por mudanças e tem que se adequar a forma de ensino escolar, deixando de ser essencialmente livre.

“A transmissão da cultura se processa através de meios sistemáticos e de meios não sistemáticos; o meio sistemático mais usado e mais desenvolvido é a forma de educação denominada ensino; em todos os tempos e em todos os lugares, com desenvolvimento que acompanhou o desenvolvimento das sociedades, exigiu sempre, maior ou menor, um aparelho de transmissão sistemática dos conhecimentos, uma estrutura de ensino; sociedades complexas, como as do capitalismo, demandam complexos aparelhos de ensino, estruturas complexas de ensino; tais estruturas são, no todo ou em parte, peças do aparelho de Estado; transmitem, assim, a cultura oficial, aquela que obedece à característica social de que a cultura dominante é a cultura das classes dominantes.” (SODRÉ, 1993 *APUD* BARBIERE, 2013, P. 46)

O principal malefício estudado por muitos autores⁴⁴ que trabalham com esta temática é ter que aceitar a mudança, ou melhor, a dominação ao modelo das escolas, tornando a capoeira um esporte moldado as necessidades e regras escolares, objetivando apenas utilizar a capoeira como controle dos alunos.

Qual seria então a essência da capoeira, presa a conceitos pré-estabelecidos por uma instituição? O que seria a capoeira sem sua liberdade? Sem autonomia?

“No que se refere ao fenômeno educação, prevalece as visões tradicional-modeladora e moderno-domesticadora, as quais enfatizam a necessidade, defendida pela classe dominante, de manutenção do status quo , por intermédio da tentativa de modelar o homem conforme os seus valores e significados, bem como pela adoção de estratégias que possam impedir as tentativas de ascensão das outras classes sociais, utilizando-se, com relativa eficácia, do desenvolvimento de processos de alienação, adestramento e domesticação, principalmente dos homens que constituem as classes populares” (BARBIERE, 2013, P.110)

Não há uma negação do processo de aprendizado construído pela capoeira, há um entendimento que ela é benéfica para os alunos, independente do local de ensino, a grande decorrência desse envolvimento com os padrões formais de ensino, “[...] também se aprende Capoeira na escola, mesmo que não seja a sua forma a mais adequada ao desenvolvimento de um processo de educação emancipadora, realizado no âmbito de uma escola cidadã, democrática e libertadora”.⁴⁵

A inclusão desta manifestação cultural magnífica nos diversos espaços contribui para maior visibilidade e aceitação/valorização da nossa cultura, entretanto há essa preocupação em manter as raízes e toda a ancestralidade desta arte, uma luta constante e diária para salvaguardar a sua essência, sua liberdade e resistência.

Por fim, a capoeira vem para libertar. Para nos lembrar da resistência à opressão de antigamente que ainda se faz presente nos dias atuais. Seja qual for a sua forma de ensino, e em qualquer lugar que esteja presente, se faz necessário conservar a sua essência.

⁴⁴BARBIERE, Cesar August S. **Buraco velho tem cobra dentro**: Uma interpretação do processo de escolarização da capoeira. Curitiba, 2013.

César Barbieri e Anna Izabel C. Barbosa. **Diagnóstico da Capoeira na escola pública do Distrito Federal**: uma primeira abordagem. Documento de circulação restrita ao âmbito da Gerência de Desporto Escolar. Brasília, 2003.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador. Presscolor, 1990.

FALCÃO, José Luiz C. **A Escolarização da “Vadiação”**: a capoeira na Fundação Educacional do Distrito Federal (dissertação de mestrado em Educação Física). Rio de Janeiro, Faculdade de Educação Física/Universidade Gama Filho, 1994.

FALCÃO, José Luiz C. **A escolarização da capoeira**. Brasília, ASEFE-Royal Court, 1996.

REIS, Leticia Vidor de Souza. **O mundo de perna pro ar**: acapoeira no Brasil. São Paulo, Publisher, 1997.

⁴⁵ BARBIERE, 2013, P. 112.

Canto Negro

“Meu canto vem de dentro
 Vem da alma
 Viaja como o vento
 Em cada canto da senzala
 De cada negra violada
 Em cada lagrima a rolar
 Meu canto ele de cada açoitado
 Vem do feição da foice
 Ele vem pra declarar
 Meu canto é poesia enraizada
 Árvore de cada estrada
 Que o negro pôs-se a plantar
 Vem de muita luta sofrida
 De muita história contida
 De todo povo a chamar
 Sou sangue forte
 Sou pele escura
 Grito ecoado
 Que não conseguiram calar
 Minha malandragem
 Vem de muitos anos
 Vem da defesa dançada
 Vem da alegria sagrada
 E que nunca morrerá
 Meu canto faz peleja
 Fuga da realidade
 Meu canto sai dos quilombos
 Canto, canto de Palmares
 Meu canto vem
 Do olhar da lua
 Pela janela do cativo
 Pelo povo que lutou
 Ou do chão do meu terreiro
 Vem do saber da liberdade
 Vem da antiguidade
 Mas que insisto em cantar
 O meu canto negro
 Ele vem de todo o povo
 Ele vem pra libertar.
 Sou sangue forte
 Sou pele escura
 Grito ecoado
 Que não conseguiram calar
 Minha malandragem
 Vem de muitos anos
 Vem da defesa dançada
 Vem da alegria sagrada
 E que nunca morrerá.”⁴⁶

⁴⁶ Música escrita pela Aluna Inara Santos Carneiro, do Colégio Estadual João Carneiro cursando o segundo ano do ensino médio, e pratica capoeira há 2 anos aproximadamente, segunda ela esta é a sua essência, é o que vem do seu interior. O que concretiza a ideia que a capoeira torna-se parte dos que a praticam e que torna-se presente nas atividades escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da década de 1930 no Brasil algumas manifestações culturais afro-brasileiras foram descriminalizadas, pelo então presidente Getúlio Vargas. Esse feito ao ser discutido por muitos historiadores⁴⁷ permitem uma análise que caracteriza o feito enquanto “domesticação da cultura”, visto que é melhor moldar e adaptar aquilo que o sistema/estado não possui controle do que proibir, o que por consequência faz-se disseminar algo que não se pode conter.

Essa relação de domesticação e/ou adaptação se adequa à muitas instituições a qual a capoeira⁴⁸ vem sendo inserida, as normas e regras destes espaços formais inibem a espontaneidade desta manifestação ,

“[...] fica claro eu não apenas a Capoeira vem sendo alvo da ação predatória da ideologia dominante, das iniciativas modernizantes inspiradas pelo processo de manutenção da hegemonia da classe dominante. De uma maneira geral, à exemplo do ocorrido também com os fenômenos afro-brasileiros,[...], todas as manifestações culturais, espontâneas, (re)criadas pelo povo, pelas chamadas classes subalternas, pelas classes populares, são atingidas por essa intervenção realizada, na maioria das vezes de forma velada, pela elite política, intelectual econômica deste país.” (BARBIERE, 2013, P. 121)

As manifestações culturais brasileiras, ao serem inseridas em espaços que antes foram negados, como regras de adequação e limites imposto, de cima para baixo, apenas configuram como outro período de luta por afirmação e resistências das culturas, visto que esta manifestações correm riscos de perda de suas raízes caso as mesmas sejam ensinadas como querem que seja, ou invés de ser o que eles são.

“Será, pois, que as circunstâncias de opressão, de dominação, sofridas pelas classes populares ou subalternas que, diariamente, fizeram surgir o Capoeira e a Capoeira são, na as essência, tão diferentes assim nos dias de hoje? Será que os padrões

⁴⁷ Historiadores como:

RIBEIRO, Darcy. **Cultura e alienação**. Brasília, 1985.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

DURAN, Eunice Ribeiro. **A dinâmica cultural na sociedade moderna**.

PRYSTHON, Angela. **Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo**. 2003.

PRYSTHON, Angela. **Interseções da teoria crítica contemporânea: estudos culturais, pós-colonialismo e comunicação**. 2004.

BARBOSA, Ane Mae. **Arte-Educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular**. 1995.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

⁴⁸ Esta problemática faz parte da história de diversas manifestações culturais, entre elas o samba, as religiões e a já citada capoeira.

estéticos, políticos e educacionais dominantes, inculcados no povo, principalmente pela Escola, são hoje muito diferentes dos de antanho?” (BARBIERE, 2013, P. 123)

Ora veja, são ditos horários, dias, o tempo de pratica, qual o conteúdo é mais adequado, como os alunos devem se comportar por fazerem parte, enfim uma serie de coisas as quais tanto o professor de capoeira, quanto o aluno deve seguir, pra manter esta manifestação dentro da escola. Essas prerrogativas acabam por interferir o processo de aprendizado e limitam as possibilidades. Apesar de todo lugar servir para a pratica da capoeira, nem todo lugar é adequado, pois, como tendo a liberdade enquanto essência, nem sempre é possível seguir regras.

“Torna-se, portanto, indispensável, para a compreensão da manifestação do fenômeno Capoeira na Escola, recordar, dentre outros aspectos, que na concepção dos atores sociais que, direta ou indiretamente, participam desse processo de “descaracterização” ou de “modernização/atualização” da Capoeira, prevalece as visões **tradicional-modeladora** e **moderno-domesticadora** de Educação e as visões **neutro-constituente** e **sistêmico-reprodutora** de Escola, as quais são importantes coadjuvantes na fundamentação da visão **moderno-esportiva** que dá suporte e mantém essa sua manifestação, num contexto escolarizado, seja dentro ou fora de algum dos chamados estabelecimentos de ensino.” (BABIEIRE, 2013, P. 127-128)

Pode-se com clareza entender que ao tentar adequar as manifestações em outros contextos, principalmente os das classes dominantes, acabam por descaracterizar e excluir parte da grandeza das mesmas. Limitando-as ao que convém e apenas para satisfazer interesse de dominação e apropriação da cultura para subjugar.

“de um lado, cabe compreender como o Estado se propõe a conduzir o processo educativo, utilizando-o como mecanismo de veiculação de formas culturais à serviço dos interesses das classes dominantes. De outro, cumpre localizar as brechas que o processo educacional pode apresentar como veiculo de formação de uma consciência crítica do mundo e da ação visando a transformação social.” (MACEDO, Carmem C. *apud* BARBIERE, 2013, P.133)

Entretanto, é importante entender que nesse processo, há também experiências que são interessantes por conseguirem se desenvolver em espaços formais onde a capoeira não precisa se adequar e que não perde a essência. Respeitasse a filosofia do professor, o método de ensino, os costumes, dentre outras questões pertinentes a pratica. Um destes espaços é o do Colégio Estadual João Carneiro. Apesar de todas as dificuldades encontradas pelos praticantes

impostas pela comunidade, o colégio mantém a oficina, compra equipamentos/instrumentos, abadá, apoia os movimentos⁴⁹ realizados pelo professor.

Além disso, deve-se considerar que muitas escolas utilizam o Projeto Político Pedagógico e seguem as Diretrizes e Bases da Educação, o que auxilia no cumprimento da preservação da cultura e identidade brasileira. Atreladas ao fato de existir gestões democráticas na escolas, facilitando assim o dialogo e otimizando a construção da aprendizagem de maneira diversificada e participativa. Incluir as manifestações culturais na escola exige inúmeras questões, dentre elas oferecer suporte para a realização das mesmas, autonomia e incentivo.

Em suma, a relação desta manifestação com a educação produzirá sempre tensões e altos e baixos, tal qual foi e ainda é a história da capoeira, entretanto o resultado será atrelado à direção da instituição de ensino, ao professor de capoeira e também aos alunos que juntos poderão desenvolver esta arte. Afinal, esta luta, em toda sua história, supera os desafios existentes para preservação, manutenção e continuidade, sua relação com a educação, portanto, não será diferente.

⁴⁹ A exemplo de rodas na rua, rodas no campo, em quadras fora da escola, em idas a chácaras, em eventos, dentre outras atividades que são propostas pelo professor e realizadas em conjunto com a comunidade escolar.

FONTES

1. Fontes orais

Carlos Castro Lima. *Entrevista concedida no dia 10/08/2014 – 27 min e 6 seg.*

Robson Mascarenhas Miranda. *Entrevista concedida no dia 12/05/2014 – 23 min e 27 seg.*

REFERÊNCIAS:

- ABIB, Pedro Rodholpo Jungers. **Mestres e capoeira famosos da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2013.
- APPIAH, Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BAKHTIN, M. M; VIEIRA, Yara Frateschi. . **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 2008.
- BARBIERE, Cesár Augustu S. **Buraco velho tem cobra dentro: uma interpretação do processo de escolarização da capoeira**. Curitiba, PR: CRV, 2013.
- BITTENCOURI, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRUHNS, Heloisa T. . **Conversando sobre o corpo**. 6. ed Campinas: Papirus, 2001.
- BURKE, Peter; PAULA, Sergio Goes de. . **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001;
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Rio de Janeiro: Campus, 1980;
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 5. ed São Paulo: Papirus, 2000.
- DIAS, Adriana Albert. **Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da bahia (1910-1925)**. Salvador: EDUFBA, 2006;
- DIAZ , Andrés Solano. **Uma aproximação à Pedagogia-Educação Social**. 2006.
- FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. Emilia Ferreiro e Ana Teberosky; trad. Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910**.Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

GARCIA, Tania da. . **O "it" verde e amarelo de Carmem Miranda (1930-1946)** /. São Paulo: Annablume, 2004

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GOHN, Maria Gloria, **Educação não-formal na pedagogia social**. 2006.

_____. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. 2006.

HOBBSAWM, E. J; RANGER, T. D. . **A invenção das tradições**. 5. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993;

MORAIS, Regis de. **Entre a jaula de aula e o picadeiro de aula. In: Sala de aula que espaço é esse?**. São Paulo: Papirus, 1994.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Papirus, [1994].

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. . **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá: Três personagens da capoeira bahiana**. Tocantins: Fundação Universidade de Tocantins, 2002;

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968;

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, c1993.

SILVA, Eduardo; REIS, João José. . **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravagista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira: do engenho à universidade**. São Paulo, 1993;

SILVA JUNIOR, Florisvaldo Evangelista da. **Vadição na Escola: Dialogando com as contradições o ensino da capoeira**. Dissertação de Mestrado, 2011.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2. ed. Campinas: Centro de Pesquisa em História Social, 2002;

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002;

THOMPSON, Paul Richard. . **A voz do passado: história oral**. 2. ed São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANEXOS